

CONVERGÊNCIA



- Voltar às origens
Voltar ao essencial da Boa Nova que Jesus nos trouxe
- Vida Consagrada enraizada em Cristo Jesus
Testemunho, profecia e esperança
- A Esclesiologia do Concílio Vaticano II a partir das
quatro notas da Igreja
- Profetismo e gestão da mudança
- Religião e mercado na pós-modernidade: desafios para
a Igreja e Vida Religiosa



CRB

Sumário

EDITORIAL	1
PALAVRA DO PAPA	5
INFORME CRB	12
ARTIGOS	14
Voltar às origens – Voltar ao essencial da Boa Nova que Jesus nos trouxe	14
FREI CARLOS MESTERS, O.CARM.	
Vida Consagrada enraizada em Cristo Jesus	
Testemunho, profecia e esperança	23
MARIS BOLZAN, SDS	
A esclesilogia do Concílio Vaticano II a partir das quatro notas da Igreja	27
AGENOR BRIGHENTI	
Profetismo e gestão da mudança	37
IR. AFONSO MURAD	
Religião e mercado na pós-modernidade: desafios para a Igreja e Vida Religiosa	51
MARCELLO SILVA	

A ilustração da capa da Convergência de 2006, da artista Eleanor Corrêa Lanes, ICM, Itaguaí-RJ, evoca o ícone da itinerância do povo de Deus e do Deus do povo. A Vida Religiosa, itinerante e solidária, de pés ligeiros e mãos abertas, caminha na fidelidade ao Espírito, que faz novas todas as coisas. O projeto gráfico da capa foi elaborado na Letra Capital Editora.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, NJ

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitório, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

LetraCapital Editora

Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-3781

Fax (21) 2224-7071

E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura Anual para 2006	Brasil: R\$ 80,00
	Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)
	Números avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8,00

Editorial

CRB -
- BIBLIOTECA -

R. Alcindo Guanabara, 24/4º - Cinelândia
Cep 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

01 FEV 2006

Percorrer os caminhos da paz

MARIA CARMELITA DE FREITAS

É tarefa de todo cristão e cristã percorrer os caminhos da paz. Dom por excelência de Jesus, a Paz precisa ser constantemente cultivada e recriada, seja na consciência das pessoas, seja no âmbito familiar ou na sociedade.

Não é fácil percorrer os caminhos da paz. Não é fácil, sobretudo, quando a ambição e o ódio parecem ganhar terreno e expandir-se; quando a violência parece banalizar-se e institucionalizar-se; quando tantas pseudo razões para declarar guerra se fazem usuais e rotineiras.

Para percorrer os caminhos da paz é necessário ter a mente e o coração desarmados, os braços sempre abertos para abraçar e acolher, as mãos estendidas para abençoar e sustentar. Percorrer os caminhos da paz supõe também ter o olhar limpo e transparente para reconhecer no outro o irmão, o amigo, o companheiro de caminho, seja qual for a cor de sua pele, a sua condição social ou cultural, a sua crença.

Percorrer os caminhos da paz, hoje mais do que nunca, significa ultrapassar barreiras, plantar solidariedade e fazer acontecer a justiça. Na sua primeira mensagem para

o dia mundial da Paz, Bento XVI adverte: "quando fica obstaculizado e impedido o progresso integral da pessoa e a tutela dos seus direitos fundamentais, quando muitos povos são obrigados a suportar injustiças e desigualdades intoleráveis, como se pode esperar a consecução do bem da paz?"

No começo de um novo ano, os anseios de paz tomam-se mais vivos e mais prementes. A esperança de que amanheça a aurora de um mundo novo, habitado pela paz e a justiça, renasce vigorosa nos corações. É hora de sonhar e espalhar sementes de nova humanidade. Os votos que o Papa transmite na sua mensagem estão impregnados dessa esperança: "São, diz ele, votos repletos de esperança por um mundo mais sereno, onde cresça o número daqueles que, individual ou comunitariamente se empenham a percorrer os caminhos da justiça e da paz".

Seguidora de Jesus - o Príncipe da paz -, a Vida Religiosa sente-se urgida pelas interpelações que brotam do contexto social e político de hoje a empenhar-se, com todas as pessoas de boa vontade, nessa ingente tarefa de percorrer os caminhos da paz. Sen-

te-se igualmente urgida a fazer programáticas para si mesma as palavras do Papa: "Perante os riscos que a humanidade vive em nossa época, é dever de todos os católicos intensificar em todas as partes do mundo o anúncio e o testemunho do *Evangelho da Paz*".

Ao iniciar este ano de 2006, Convergência reassume o seu compromisso de ser portadora desse *Evangelho da Paz*, em sintonia com a grande utopia do Reino de Deus e as mais profundas aspirações da humanidade.

Os artigos publicados neste número visam ajudar as comunidades a crescer na sua adesão a Jesus, percorrendo com Ele os caminhos da paz.

Carlos Mesters, no seu artigo - "Voltar às origens. Voltar ao essencial da Boa Nova que Jesus nos trouxe" -, apresenta uma inspiradora reflexão sobre o essencial na vida cristã. Articula o seu texto, a partir de dois grandes eixos: - "Como Deus chega até nós para nos atrair?" - "Qual o caminho por onde nos atrai para voltarmos a ele?" Na primeira parte do texto o ser humano é apresentado como aquele que busca a Deus de muitas maneiras, como o demonstram as grandes religiões. Comentando Isaías 26,8, o autor lembra que "o desejo da alma em busca de Deus concentra-se em torno da busca do *Nome* e em torno da *lembrança* de tudo que Deus fez no passado. Voltar às origens é, então, redescobrir o significado profundo do *Nome* de Deus e da sua presença operante no meio de nós". O autor adverte que, na experiência do Povo de Deus, muitas vezes "o Nome que devia ser como um vidro transparente para revelar a Boa Nova do rosto amigo e atraente de Deus, tornou-se um espelho que só mostrava o rosto daquele que nele se con-

templava". Na Segunda parte do artigo, o autor fala do caminho que Jesus abriu para os cristãos até Deus e que consiste em "humanizar a vida, servir os irmãos e acolher os excluídos. Comenta, aí, o significado bíblico dos três títulos de Jesus: - Filho do Homem, Servo de Javé, e Redentor (resgatador). Para ele, "foi através da janela destes destes três nomes *Filho do Homem, Servo de Deus e Redentor*, os três tirados do Antigo Testamento, que os primeiros cristãos olhavam para Jesus e transmitiam para os outros o significado de Jesus para as suas vidas". O artigo está escrito com profunda sensibilidade à Palavra de Deus. É inspirado e inspirador. Merece ser rezado e partilhado em comunidade.

"Vida Consagrada enraizada em Cristo Jesus" - de Ir. Maris Bolzan - é um texto sugestivo e provocador, escrito com sensibilidade feminina e a partir da ampla experiência que sua condição de Presidente da CRB Nacional lhe confere. A autora parte de um olhar contemplativo sobre a realidade do mundo contemporâneo, onde os pobres e excluídos constituem os dois terços da população. Os dados que apresenta sobre a realidade falam por si mesmos e representam um ingente desafio para cristãos de hoje. Num segundo momento, a autora apresenta a Vida Consagrada enraizada em Cristo Jesus como "testemunho, profecia e esperança", anunciadora de justiça e globalizadora de solidariedade. A parte final do texto ocupa-se dos desafios que o mundo contemporâneo coloca para a Vida Consagrada. No dizer da autora, "o mundo neoliberal e pós-moderno é o mar em que a Vida Consagrada deve avançar para águas mais profundas. Remar em direção às profundidades do Mistério de Deus e rumo ao coração da humanidade e do planeta".

O artigo de Agenor Brighenti – “A eclesiologia do Concílio Vaticano II a partir das quatro notas da Igreja” é um texto de grande atualidade e interesse. Nele o autor trata de aprofundar a nova auto-compreensão da Igreja explicitada no Concílio Vaticano II, sobretudo na *Lumen Gentium*, e também no pós concílio, ao longo dos quarenta anos da sua recepção, com notáveis avanços, mas também com iniludíveis riscos de involução. Para isso o autor, com a competência e lucidez que lhe são características, comenta as quatro *notas* da Igreja que fazem parte da profissão de fé niceno-constantinopolitana. O sentido e o alcance dessas *notas* na eclesiologia conciliar são expostos de forma elucidativa e questionadora. O texto trata também a questão da Igreja local, na qual se encontra e opera verdadeiramente a Igreja que é una, santa, católica e apostólica. O artigo conclui referindo-se às vicissitudes da recepção e aplicação do Vaticano II, especialmente da sua eclesiologia, e afirma que “o Concílio Vaticano II continua inspirador e atual em suas intuições fundamentais e em seus eixos centrais. Trata-se de fazer uma nova recepção dele no novo contexto que estamos vivendo... Os ideais, assumidos e projetados pelo Vaticano II, não morreram. Estão vivos, ainda que hoje, em tempos marcados por uma evangelização *marqueteira* e mercadológica, sejam ‘brasa sob cinzas’. O sopro do Espírito, que anima a história, saberá reacendê-los no tempo oportuno, o tempo de Deus”.

“Profetismo e gestão da mudança” de Afonso Murad, é um artigo particularmente interessante e questionador. Nele o autor se propõe apresentar uma reflexão “sobre como alimentar o profetismo de forma co-

munitária e institucional, nestes tempos difíceis”. Evocando o martírio de Ir. Dorothy e o gesto profético de D. Luis Cappio, o autor descreve em breves pinceladas as características do profetismo nos dias de hoje: a mística, a ética, o anúncio e a denúncia, a conexão com a vida. Refere-se depois a algumas convicções sobre o profetismo atual, lembrando que, embora sendo constitutivo da Igreja, o profetismo é hoje cada vez mais minoritário e precisa ter visibilidade para ser efetivo. Deve ser pessoal e comunitário, ambiental e planetário. A questão central focalizada no texto é a gestão da mudança inspirada no profetismo, ressaltando que o profeta não é gestor mas figura inspiradora para a mudança. Tomando como base teórica a obra, “Liderando mudanças” de John Kotter e procurando fazer uma leitura da sua contribuição à luz da fé, o autor descreve o processo de mudança com seus vários momentos e passos. Deste modo, oferece às comunidades religiosas um valioso *instrumental* para levar adiante e gerir com firmeza e inspiração profética o processo de mudanças que a Vida Religiosa precisa continuar realizando para ser fiel a Deus nos sinais dos tempos.

Marcelo Silva, no seu artigo – “Religião e Mercado: os desafios impostos à Igreja e à Vida Religiosa” – faz uma instigante e oportuna reflexão sobre a desafiadora tarefa de viver e anunciar o Evangelho de Jesus neste começo de século. O autor parte de algumas considerações sobre o atual contexto da pós-modernidade e sobre a incidência desse fenômeno no cristianismo e na Igreja católica, bem como da crise ética e social que marca esse contexto. Os traços mais característicos da pós-modernidade são apresentados com pertinên-

cia e clarividência. Entre eles, o autor confere destaque à relação entre religião e mercado. Na Segunda parte do texto, o autor trata dos desafios que a pós-modernidade coloca para a Igreja e a Vida Religiosa. São focalizados como desafios maiores a questão da subjetividade pós-mo-

derna, ou a busca da identidade; a proliferação de *deuses* em substituição ao Deus de Jesus; a questão da linguagem e da realidade do marketing; o capitalismo como inimigo da fé cristã. O texto conclui apontando para numa perspectiva de futuro para a Vida Religiosa e a Igreja.

“Para percorrer os caminhos da paz
é necessário ter a mente e o coração
desarmados, os braços sempre abertos para
abraçar e acolher, as mãos estendidas
para abençoar e sustentar.”



Mensagem do Papa Bento XVI para a celebração do Dia Mundial da Paz

1º de janeiro de 2006
Na verdade, a paz

1. Com a tradicional *Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, ao início do ano novo, desejo fazer chegar afetuosos votos a todos os homens e mulheres da terra, e de modo particular a quantos sofrem por causa da violência e dos conflitos armados. São votos repletos de esperança por um mundo mais sereno, onde cresça o número daqueles que, individual ou comunitariamente, se empenham a percorrer os caminhos da justiça e da paz.

2. Desde já gostaria de prestar um sincero tributo de gratidão a meus predecesores, os grandes Pontífices Paulo VI e João Paulo II, clarividentes obreiros da paz. Animados pelo espírito das Bem-aventuranças, souberam ler, nos numerosos acontecimentos históricos que marcaram os respectivos pontificados, a intervenção providencial de Deus que jamais Se esquece da sorte do gênero humano. Repetidas ve-

zes, como infatigáveis mensageiros do Evangelho, convidaram toda a pessoa a recomeçar de Deus para se conseguir promover uma convivência pacífica em todas as regiões da terra. É na esteira deste nobilíssimo ensinamento que se coloca a minha primeira Mensagem para o Dia Mundial da Paz: através dela, desejo uma vez mais reiterar a firme vontade da Santa Sé de continuar a servir a causa da paz. O próprio nome – Bento – que escolhi no dia da eleição para a Cátedra de Pedro, pretende indicar o meu convicto empenho a favor da paz. De fato, com ele quis fazer alusão seja ao Santo Patrono da Europa, inspirador de uma civilização pacificadora no Continente inteiro, seja ao Papa Bento XV, que condenou a I Guerra Mundial como um « inútil massacre »¹ empenhando-se para que fossem reconhecidas por todos as razões superiores da paz.

¹ *Apelo aos Chefes dos povos beligerantes* (1 de agosto de 1917): AAS 9 (1917) 423.

3. O tema de reflexão deste ano – « *Na verdade, a paz* » – exprime esta convicção: sempre que o homem se deixa iluminar pelo esplendor da verdade, empreende quase naturalmente o caminho da paz. A constituição pastoral *Gaudium et spes* do Concílio Ecumênico Vaticano II, concluído há 40 anos, afirma que a humanidade não conseguirá « construir um mundo mais humano para todos os homens, a não ser que todos se orientem com espírito renovado para a verdade da paz ». ² Mas que significados pretende sugerir a expressão « verdade da paz »? Para se responder de maneira adequada a tal questão, é preciso ter em conta que a paz não pode ser reduzida a simples ausência de conflitos armados, mas tem de ser entendida como « um fruto da ordem que o divino Criador estabeleceu para a sociedade humana », uma ordem « que deve ser realizada pelos homens, sempre anelantes por uma mais perfeita justiça ». ³ Enquanto resultado duma ordem planeada e querida pelo amor de Deus, a paz possui uma intrínseca e irresistível verdade própria e corresponde « a um anseio e a uma esperança que vivem indestrutíveis em nós ». ⁴

4. Assim delineada, a paz configura-se como dom celeste e graça divina, que requer, a todos os níveis, o exercício da nossa responsabilidade maior que é a de conformar – na verdade, na justiça, na liberdade e no amor – a história humana à ordem divina. Quando vem a faltar a adesão à ordem transcendente das coisas, assim

como o respeito daquela « gramática » do diálogo que é a lei moral universal escrita no coração do homem, ⁵ quando fica obstaculizado e impedido o progresso integral da pessoa e a tutela dos seus direitos fundamentais, quando muitos povos são obrigados a suportar injustiças e desigualdades intoleráveis, como se pode esperar na consecução do bem da paz? De fato, faltam aqueles elementos essenciais que dão forma à verdade deste bem. Santo Agostinho descreveu a paz como « *tranquillitas ordinis* », ⁶ a tranqüilidade da ordem, ou seja, aquela situação que, em última análise, permite respeitar e realizar cabalmente a verdade do homem.

5. E, então, quem e que coisa pode impedir a realização da paz? A este respeito, a Sagrada Escritura põe em evidência, no seu primeiro livro – o *Gênesis* –, a mentira, pronunciada ao início da história pelo ser de língua bífida que o evangelista João designa como « pai da mentira » (*Jo 8,44*). E a mentira é também um dos pecados que lembra a Bíblia no último capítulo do seu último livro – o *Apocalipse* –, ao referir a exclusão dos mentirosos da Jerusalém Celeste: « Ficarão de fora (...) todos os que amam e praticam a mentira » (22,15). Com a mentira, está ligado o drama do pecado com as suas conseqüências perversas, que causaram, e continuam a causar, efeitos devastadores na vida dos indivíduos e das nações. Basta pensar naquilo que aconteceu no século passado, quando aberrantes

² N. 77.

³ *Ibid.*, n. 78.

⁴ João Paulo II, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2004*, n. 9.

⁵ Cf. João Paulo II, *Discurso à 50ª Assembleia Geral das Nações Unidas* (5 de outubro de 1995) n. 3.

⁶ *De civitate Dei*, XIX, 13.

sistemas ideológicos e políticos mistificaram de forma programada a verdade, levando à exploração e à supressão de um número impressionante de homens e mulheres, exterminando mesmo famílias e comunidades inteiras. Depois destas experiências, como não sentir-se seriamente preocupado diante das mentiras do nosso tempo, que enquadram cenários ameaçadores de morte em não poucas regiões do mundo? A busca autêntica da paz deve partir da consciência de que o problema da verdade e da mentira diz respeito a cada homem e mulher e aparece como decisivo para um futuro pacífico do nosso planeta.

6. A paz é anseio irreprimível presente no coração de cada pessoa, independentemente das suas identidades culturais específicas. Por isso mesmo, cada um deve colocar-se ao serviço de um bem tão precioso, trabalhando para que não se insinue qualquer forma de falsidade que venha contaminar a convivência. Todos os homens pertencem a uma única e mesma família. A excessiva exaltação das próprias diferenças contrasta com esta verdade basilar. É preciso recuperar a consciência de estarmos irmanados num mesmo e, em última análise, transcendente destino, para se poder valorizar da melhor forma as próprias diferenças históricas e culturais sem as contrapor mas, antes, harmonizando-as com os que pertencem a outras culturas. São estas verdades simples que tomam possível a paz; e são facilmente compreensíveis quando se escuta o próprio coração com pureza de intenção. A paz apresenta-se então de um modo novo: não como simples ausência de guerra, mas como convivência dos diversos

cidadãos numa sociedade governada pela justiça, na qual se realiza também, na medida do possível, o bem de cada um deles. A verdade da paz chama todos a cultivarem relações fecundas e sinceras, estimula a procurarem e a percorrerem os caminhos do perdão e da reconciliação, a serem transparentes nas conversações e fiéis à palavra dada. De modo particular, o discípulo de Cristo, que se sente insidiado pelo mal e conseqüentemente necessitado da intervenção libertadora do divino Mestre, a Ele se dirige com confiança por saber que « Ele não cometeu pecado, e a sua boca não proferiu mentira » (1Pd 2,22; cf. Is 53,9). Com efeito, Jesus definiu-Se a Verdade em pessoa e, falando em visão ao vidente do Apocalipse, declarou a sua total aversão a « todos os que amam e praticam a mentira » (Ap 22,15). É Ele que manifesta a verdade total do homem e da história. Com a força da sua graça é possível estar na verdade e viver de verdade, porque só Ele é totalmente sincero e fiel. Jesus é a verdade que nos dá a paz.

7. A verdade da paz deve valer, e fazer valer o seu resplendor benéfico de luz, mesmo quando nos encontramos na trágica situação duma guerra. Os Padres do Concílio Ecumênico Vaticano II, na constituição pastoral *Gaudium et spes*, ressaltam que, « uma vez começada lamentavelmente a guerra, nem tudo se torna lícito entre as partes beligerantes ». ⁷ A Comunidade Internacional dotou-se de um direito internacional humanitário para limitar ao máximo, sobretudo nas populações civis, as conseqüências devastadoras da guerra. Em numerosas circunstâncias e com diversas modalidades, a Santa Sé manifestou o seu apoio a este direito humanitário, en-

⁷ N. 79.

corajando o seu respeito e pronta atuação, convencida de que existe, mesmo na guerra, a verdade da paz. O direito internacional humanitário deve ser incluído entre as expressões mais felizes e eficazes das exigências que derivam da verdade da paz. Por isso mesmo, o respeito de tal direito impõe-se como um dever para todos os povos. Há que apreciar o seu valor e garantir a sua correta aplicação, atualizando-o com normas pontuais capazes de fazer frente aos mutáveis cenários dos conflitos armados em curso e também ao uso de novos armamentos cada vez mais sofisticados.

8. Penso com gratidão às Organizações Internacionais e a todos os que se esforçam quotidianamente pela aplicação do direito internacional humanitário. Como poderia aqui esquecer tantos soldados empenhados em delicadas operações que visam a conciliação dos conflitos e a restauração das condições necessárias para a realização da paz? A eles desejo recordar também estas palavras do Concílio Vaticano II: « Aqueles que se dedicam ao serviço da pátria no exército, considerem-se servidores da segurança e da liberdade dos povos; na medida em que se desempenham como convém desta tarefa, contribuem verdadeiramente para o estabelecimento da paz ».⁸ Neste exigente âmbito, coloca-se a ação pastoral dos Ordinariatos Castrenses da Igreja Católica: tanto para os Ordinários militares como para os capelães militares vai o meu encorajamento para que, em toda a situação e ambiente, se mantenham fiéis evangelizadores da verdade da paz.

9. Hoje em dia, a verdade da paz continua a ser comprometida e negada, de maneira dramática, pelo terrorismo que, com as suas ameaças e ações criminosas, é capaz de ter o mundo em estado de ansiedade e insegurança. Os meus predecessores Paulo VI e João Paulo II intervieram diversas vezes para denunciar a tremenda responsabilidade dos terroristas e para condenar a insensatez dos seus desígnios de morte. De fato, tais desígnios estão inspirados por um niilismo trágico e desconcertante, que o Papa João Paulo II descrevia com estas palavras: « Quem mata, com atos terroristas, cultiva sentimentos de desprezo pela humanidade, manifestando desespero pela vida e pelo futuro: nesta perspectiva, tudo pode ser odiado e destruído ».⁹ E não é só o niilismo; também o fanatismo religioso, hoje frequentemente denominado fundamentalismo, pode inspirar e alimentar propósitos e gestos terroristas. Intuindo, desde o início, o perigo dilacerante que representa o fundamentalismo fanático, João Paulo II estigmatizou-o duramente, acautelando contra a pretensão de impor com a violência, em vez de propor à livre aceitação dos outros, a própria convicção acerca da verdade. Assim escrevia ele: « Pretender impor aos outros com a violência aquela que se presume ser a verdade, significa violar a dignidade do ser humano e, em última instância, ultrajar a Deus, de quem ele é imagem ».¹⁰

10. Bem vistas as coisas, o niilismo e o fundamentalismo relacionam-se de forma errada com a verdade: os niilistas negam a existência de qualquer verdade, os funda-

⁸ *Ibid.*

⁹ *Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2002*, n. 6.

¹⁰ *Ibid.*

mentalistas avançam a pretensão de poder impô-la com a força. Mesmo tendo origens diversas e sendo manifestações que se inserem em contextos culturais distintos, o niilismo e o fundamentalismo têm em comum um perigoso desprezo pelo homem e sua vida e, em última análise, pelo próprio Deus. Com efeito, na base deste trágico recurso está, em definitivo, a falsificação da verdade plena de Deus: o niilismo nega a sua existência e providencial presença na história; o fundamentalismo fanático desfigura a sua face amorosa e misericordiosa, substituindo-O por ídolos feitos à própria imagem. Ao analisar as causas do fenômeno contemporâneo do terrorismo, é desejável que, além das razões de caráter político e social, se tenham em conta também as mais profundas motivações culturais, religiosas e ideológicas.

11. Perante os riscos que a humanidade vive em nossa época, é dever de todos os católicos intensificar, em todas as partes do mundo, o anúncio e o testemunho do « Evangelho da paz », proclamando que o reconhecimento da verdade plena de Deus é condição prévia e indispensável para a consolidação da verdade da paz. Deus é amor que salva, Pai amoroso que deseja ver os seus filhos reconhecerem-se mutuamente como irmãos, procurando responsabilmente pôr os seus vários talentos ao serviço do bem comum da família humana. Deus é fonte inesgotável da esperança que dá sentido à vida pessoal e coletiva. Deus, e só Ele, toma eficaz qualquer obra de bem e de paz. A história demonstrou amplamente que, fazer guerra a Deus para extirpá-Lo do coração dos homens, leva a humanidade, assustada e empobrecida, para decisões que não têm futuro. Isto deve impelir os crentes em

Cristo a fazerem-se testemunhas convictas de um Deus que é inseparavelmente verdade e amor, colocando-se ao serviço da paz numa ampla colaboração ecumênica e com as outras religiões e ainda com todos os homens de boa vontade.

12. Contemplando o atual contexto mundial, podemos com satisfação registrar alguns sinais promissores no caminho da construção da paz. Penso, por exemplo, na diminuição numérica dos conflitos armados. Trata-se certamente de passos ainda muito tímidos na senda da paz, mas capazes já de perspectivar um futuro de maior serenidade, particularmente para as aflitas populações da Palestina, a Terra de Jesus, e para os habitantes de algumas regiões da África e da Ásia, que há vários anos esperam a conclusão positiva dos percursos iniciados de pacificação e reconciliação. São sinais consoladores que requerem, para ser confirmados e consolidados, uma ação concorde e diligente por parte sobretudo da Comunidade Internacional e dos seus Órgãos instituídos para prevenir os conflitos e dar solução pacífica aos que ainda perduram.

13. Mas, tudo isto não deve induzir a um ingênuo otimismo. De fato, não se podem esquecer os sangrentos conflitos fratricidas e as guerras devastadoras que ainda continuam, infelizmente, semeando lágrimas e morte em vastas zonas da terra. Há situações onde o conflito, que está latente como o fogo debaixo das cinzas, pode novamente alastrar causando destruições de alcance incalculável. As autoridades que, em vez de realizarem quanto está ao seu alcance para promoverem eficazmente a paz, fomentam nos cidadãos sentimentos de hostilidade contra outras nações, arcam com uma gravíssima responsabili-

dade: colocam em perigo, em regiões de alto risco, os delicados equilíbrios alcançados à custa de árduas negociações, contribuindo assim para tornar mais inseguro e nebuloso o futuro da humanidade. Além disso, que dizer dos governos que contam com as armas nucleares para garantir a segurança dos seus países? Juntamente com inúmeras pessoas de boa vontade, pode afirmar-se que tal perspectiva, além de ser funesta, é totalmente falaz. Numa guerra nuclear, não haveria realmente vencedores, mas apenas vítimas. A verdade da paz requer que todos – tanto os governos que de forma explícita ou tácita possuem armas nucleares, como os que pretendem consegui-las – invertam conjuntamente a marcha mediante opções claras e decididas, orientando-se para um progressivo e concordado desarmamento nuclear. Os recursos assim poupados poderão ser destinados para projetos de desenvolvimento em benefício de todos os habitantes e, em primeiro lugar, dos mais pobres.

14. A este respeito, não é possível deixar de registrar com pena os dados de um aumento preocupante dos gastos militares e do comércio sempre próspero das armas, enquanto permanece atolado no pântano duma indiferença quase geral o processo político e jurídico atuado pela Comunidade Internacional para consolidar o caminho do desarmamento. Se se continua a investir na produção de armas e na pesquisa para criar novas, que futuro de paz será possível? Os votos que me vêm do fundo do coração são de que a Comunidade Internacional saiba reencontrar a coragem e a sabedoria de relançar com convicção e unidade o desarmamento, dando aplicação concreta ao direito à paz que pertence a

todo o homem e povo. Empenhando-se por salvaguardar o bem da paz, os vários Organismos da Comunidade Internacional poderão reencontrar aquela autoridade que é indispensável para tornar credíveis e incisivas as suas iniciativas.

15. Os primeiros a beneficiarem duma decisiva opção pelo desarmamento serão os países pobres, que reclamam justamente, depois de tantas promessas, a atuação concreta do direito ao desenvolvimento. Tal direito foi reafirmado solenemente ainda na recente Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, que celebrou este ano o 60º aniversário da sua fundação. A Igreja Católica, ao confirmar a própria confiança nesta Organização internacional, deseja-lhe uma renovação institucional e operativa que a ponha em condições de responder às novas exigências da época atual, marcada pelo vasto fenômeno da globalização. A Organização das Nações Unidas deve tornar-se um instrumento sempre mais eficiente para promover no mundo os valores da justiça, da solidariedade e da paz. A Igreja, por sua vez, fiel à missão recebida do seu Fundador, não se cansa de proclamar por todo o lado o « Evangelho da paz ». Animada como está pela firme persuasão de prestar um indispensável serviço a quantos se dedicam a promover a paz, ela lembra a todos que a paz, para ser autêntica e duradoura, deve ser construída sobre a rocha da verdade de Deus e da verdade do homem. Só esta verdade pode sensibilizar os ânimos para a justiça, abri-los ao amor e à solidariedade, encorajar a todos a trabalharem por uma humanidade livre e solidária. Sim, apenas sobre a verdade de Deus e do homem assentam os alicerces de uma paz autêntica.

16. Na conclusão desta mensagem, gostaria agora de dirigir-me particularmente aos que acreditam em Cristo, renovando-lhes o convite para se tomarem discípulos do Senhor atentos e disponíveis. Escutando o Evangelho, queridos irmãos e irmãs, aprendemos a fundar a paz sobre a verdade duma existência quotidiana inspirada no mandamento do amor. É necessário que cada comunidade se empenhe numa intensa e capilar obra de educação e testemunho que faça crescer em cada um a noção da urgência de descobrir sempre mais profundamente a verdade da paz. Ao mesmo tempo peço que se intensifique a oração, porque a paz é primariamente dom de Deus

que se há-de implorar incessantemente. Graças à ajuda divina, será certamente mais convincente e iluminador o anúncio e o testemunho da verdade da paz. Com confiança e abandono filial, voltemos o olhar para Maria, a Mãe do Príncipe da Paz. Ao início deste novo ano, pedimos-Lhe que ajude todo o Povo de Deus a ser, em cada situação, agente de paz, deixando-se iluminar pela Verdade que nos torna livres (cf. *Jo 8,32*). Pela sua intercessão, possa a humanidade crescer no apreço por este bem fundamental e comprometer-se na consolidação da sua presença no mundo, para entregar um futuro mais sereno e seguro às gerações que hão-de vir.

Vaticano, 8 de dezembro de 2005

“A paz é anseio irreprimível presente no coração de cada pessoa, independentemente das suas identidades culturais específicas.”



1. Carta compromisso do Seminário Inter-Regional Centro-Oeste Projeto Novas Gerações e Vida Religiosa

*Ao assumir os valores da Vida Consagrada
e o espírito fundacional dos carismas,
as Novas Gerações se tornam uma força vital
no renascer de uma Vida Religiosa mística e profética.*

Nós, religiosas e religiosos da CRB – Região Centro-Oeste: Regionais de Brasília-DF, Campo Grande-MS, Cuiabá-MT, Goiânia-GO, Palmas-TO e os convidados de Porto Velho-RO, ao todo 77 participantes de 42 Congregações, reunidas(os) no **Seminário Inter-regional "Novas Gerações: O presente e o futuro em nossas mãos"**, realizado de 12 a 14 de novembro de 2005 em Hidrolândia-GO, reafirmamos o nosso compromisso, com ousado ardor, de buscar uma Vida Consagrada que resgate a mística e a profecia, possibilitando fazer de nossa vida uma alegre e boa notícia para o mundo de hoje.

Queremos viver uma afetividade-sexualidade integrada que nos potencialize para uma entrega livre, consciente e realizadora do ser mulher e homem capazes de gerar o novo, de recriar, de voltar sempre ao primeiro amor que nos atraiu para a Vida Consagrada.

A contemplação das palavras e da práxis de Jesus no Evangelho nos convoca ao discipulado, nos faz apaixonar pelo povo empobrecido/excluído no mundo de hoje e continua suscitando profetas e profetizas que ontem e hoje, fazendo Memória e tecendo o Futuro da Vida Religiosa, deram e dão suas vidas, como Jesus, pela promoção e defesa da Vida, no grande mutirão de construção do Reino.

Estamos conscientes de que, como discípulas e discípulos de Jesus, precisamos desconstruir as relações de poder piramidal presentes em nossas instituições religiosas, buscando relações circulares que levem à corresponsabilidade, participação e transparência nas relações cotidianas. Acreditamos que o poder-serviço é testemunho profético daquelas(es) que são chamadas(os) pelo Senhor a construir um outro mundo possível.

A narrativa da experiência acumulada de testemunho, de doação apaixonada e de profecia de algumas Irmãs e Irmãos comprometidas(os) com a causa do povo, tomou-se, para nós, grito e provocação que nos impulsiona a trilhar caminhos novos, para que de fato possamos dar sentido a nossa consagração religiosa e protagonizar uma nova geração de consagrados(as) que sinalizam Testemunho, Profecia e Esperança, no hoje da nossa História.

Sáimos deste Seminário fortalecidas e for-

talecidos pelo Espírito de Jesus, com o compromisso de continuar a reflexão dos três temas em nossas Regionais e, conseqüentemente, ir assumindo novas práticas. Com certeza, isso nos possibilitará re-desenhar um novo rosto para uma nova geração de Vida Religiosa, capaz de responder evangelicamente aos desafios do mundo contemporâneo.

Hidrolândia, 14 de novembro de 2005
Participantes do Seminário Inter-Regional
da Região Centro-Oeste

“Estamos conscientes de que, como discípulas e discípulos de Jesus, precisamos desconstruir as relações de poder piramidal presentes em nossas instituições religiosas, buscando relações circulares que levem à co-responsabilidade, participação e transparência nas relações cotidianas.”

Voltar às origens

Voltar ao essencial da Boa Nova que Jesus nos trouxe¹

FREI CARLOS MESTERS, O.CARM.

O essencial, a origem e o destino de tudo, é Deus, o Deus que nos foi revelado por Jesus. Diz Santo Agostinho: "Tu nos fizeste para ti, e o nosso coração estará irrequieto até que não descanse em ti". Mas *voltar para Deus* não é possível se, antes, Deus, ele mesmo, não chegar até nós para nos atrair. Estas duas perguntas formam as duas partes do presente artigo: (1) "Como Deus chega até nós para nos atrair? (2) Qual o caminho por onde nos atrai para voltar até Ele?" Para nós cristãos, estes dois caminhos passam ambos pela pessoa de Jesus. Nele está a origem, o essencial, para a qual temos de voltar sempre, sobretudo em épocas de instabilidade e de mudança.

I. Como Deus chega até nós para nos atrair "Em ti confiam os que conhecem o teu nome" (Sl 9,10)

Deus deixou a marca da sua presença no coração, na história, na natureza, em tudo que existe (Rm 1,20; Sl 19,1-4). O ser hu-

mano o busca de muitas maneiras. As grandes religiões são uma expressão desta busca. Cada religião, também a nossa, tem os seus ritos e mitos, seus escritos e costumes, que abrem um caminho de acesso ao mistério de Deus e, assim, nos permitem o retorno à nossa origem.

O profeta Isaías exprime esta busca dizendo: "O teu Nome e a lembrança de Ti resumem todo o desejo da nossa alma" (Is 26,8). Para Isaías, o desejo da alma em busca de Deus concentra-se em torno da busca do *Nome* e em torno da *lembrança* de tudo que Deus fez no passado. Para ele, voltar às origens é redescobrir o significado profundo do **Nome** de Deus e da sua presença operante no meio de nós, pois é no Nome que Deus se revela e chega até nós.

Um nome, quando ouvido pela primeira vez, é apenas um nome. Mas na medida em que se convive com a pessoa, o nome se torna o resumo da pessoa. Nos nossos

¹ Este artigo é o resultado de uma reflexão feita para o Capítulo Geral dos Carmelitas Descalços em 2003.

encontros, no primeiro dia, carregamos todos um crachá com o nome. Você chega e procura a pessoa pelo nome escrito no crachá, até encontrá-la. Na hora em que a encontra, você não olha mais o crachá, mas levanta a cabeça e olha o rosto. E o nome que, antes, era só um nome, torna-se agora a janela de um rosto, a revelação de uma pessoa. Geralmente, a pessoa é diferente da idéia que a gente se faz dela antes de conhecê-la. Na medida em que se aprofunda a convivência com a pessoa, maiores serão o significado e a densidade do nome. O nome evoca tudo que a pessoa fez para mim. Assim, na Bíblia, a convivência com Deus ao longo dos séculos deu significado e densidade ao nome de Deus.

O Nome de Deus na Bíblia

Na Bíblia, Deus recebe muitos nomes e títulos que exprimem o que ele significa ou pode significar para nós. Mas o nome próprio de Deus é JHWH. Este nome já aparece na segunda narração da criação no livro de Gênesis (Gn 2,4). Mas o seu significado profundo (resultado de uma longa convivência que atravessou os séculos e passou pela "noite escura" da crise do cativo) é descrito no livro de Êxodo, por ocasião da vocação de Moisés (Ex 3,7-15).

Deus diz a Moisés: "Vai libertar o meu povo!" (Ex 3,10). Moisés tem medo e se justifica fingindo humildade: "Quem sou eu!" (Gn 3,11). Deus responde: "Estou com você!" (literalmente, "*Sou* com você!") (Ex 3,12). Mesmo sabendo que Deus está com ele na missão de libertar o povo da opressão do faraó, Moisés tem medo e justifica-se, novamente, perguntando pelo Nome de Deus. Deus responde reafirmando, simplesmente, o que acabava de dizer: "Estou que estou!"

(*Sou que sou*). Ou seja, certissimamente estou com você! E o texto continua dizendo: "Vai dizer ao povo **Estou** (*Sou*) me mandou até vocês!" E ainda: "Vai dizer **Está** (*É* ou, em hebraico, *JHWH*) me mandou até vocês!" E termina concluindo: "Este é o meu nome para sempre, e sob este Nome quero ser lembrado (invocado) de geração em geração!" (Ex 3,14-15).

Este texto sucinto de grande densidade teológica exprime a convicção mais profunda da fé do Povo de Deus: Deus está conosco. Ele é *Emanuel*! Presença íntima, amiga e libertadora. Tudo isto se resume nas quatro letras JHWH do Nome que nós pronunciamos como **Javé**: *Ele está no meio de nós!*

A Bíblia permite ter dúvida de tudo, menos de uma coisa: do **Nome** de Deus, isto é, da certeza absoluta da presença de Deus no nosso meio, expressa no próprio nome JAVÉ: "Ele está no meio de nós!" Numa narração popular muito profunda, a Bíblia conta que, lá no deserto, depois da saída do Egito, Moisés ficou aborrecido com o povo, que reclamava querendo água. Ele se queixa com Deus, e Deus responde: "Bate na rocha e dela sairá água!". Moisés chama o povo e, quando todos se encontram perto dele, ele bate com o bastão na rocha e diz: "Vocês acreditam que poderemos tirar água desta rocha?" (Nm 20,10). Ele devia ter dito: "Que saia água desta rocha!" Duvidou da presença de Deus e, como castigo, não pôde entrar na terra prometida. Ele colocou em dúvida o nome de JHWH, pois disse: "Ele está ou não está no meio de nós?" (Ex 17,7). Deus é ou não é Javé? Diz o salmo: "Moisés falou irrefletidamente" (Sl 106,33). O salmo do invitatório repete: "Colocaram Deus à prova nas águas de Meriba" (Sl 95,8-9).

No fundo, a Bíblia nada mais é do que a história deste Nome, vivido e lembrado, contado e cantado pelo povo nas muitas e variadas circunstâncias e crises da sua história. O Nome Javé aparece mais de 7000 vezes, só no Antigo Testamento! É o pavio ao redor do qual se colocou a cera das histórias. O nome Javé é a janela aberta, através da qual Deus vem até nós, nos revela a sua face e nos atrai, e através da qual nós temos acesso a Ele. "O teu Nome e a lembrança de Ti resumem todo o desejo da nossa alma" (Is 26,8). "Nosso auxílio está no Nome de Javé!" (Sl 124,8). "Em Ti confiam os que conhecem o teu Nome!" (Sl 9,11). O Nome é o lugar do encontro com Deus, sempre disponível para quem o invoca.

Sem independência política, eles formavam um grupo étnico, meio perdido no grande império persa. Para reafirmar sua própria identidade e não se perder no meio daquele mundo hostil, eles se concentravam em torno de três valores: a observância da lei de Deus, o culto no templo de Jerusalém e a pureza da raça.

O nome silenciado esconde o rosto de Deus

O trágico aconteceu (e continua acontecendo) quando, nos séculos depois do cativeiro da Babilônia, o fundamentalismo, o moralismo e o ritualismo fizeram com que, aos poucos, aquilo que era um rosto vivo e amigo, presente e amado, se tornasse um retrato rígido e severo, pendurado, indevidamente, nas paredes da Sagrada Escritura, e que foi criando medo e distância entre Deus e o seu povo. Assim, naqueles últimos séculos antes de Cristo, o nome JHWH já não podia ser pronunciado. Em vez disso, diziam *Adonai*, o que

significa *Senhor*, traduzido por *Kyrios*. A religião estruturada ao redor da observância das leis (Esd 7,26; Ne 8,1-6; 10,29-30), o culto centrado no templo de Jerusalém (Esd 5,1 a 6,22) e o fechamento em torno da raça (Esd 9,1-2) criaram um novo cativeiro que abafava a experiência mística, e impediam o retorno à origem, o contato com o Deus vivo. O Nome que devia ser como um vidro transparente para revelar a Boa Nova do rosto amigo e atraente de Deus, tornou-se um espelho que só mostrava o rosto daquele que nele se contemplava. Trágico engano da auto-contemplação! Continuaram olhando o crachá, pensando que fosse Deus. Esqueceram de levantar os olhos para o rosto. Já não bebiam direto da fonte, mas sim a água engarrafada pelos doutores da lei. Até hoje, bebemos muita água engarrafada.

A nova manifestação do Nome em Jesus

Citando um cântico da comunidade, São Paulo diz na carta aos Filipenses: "Jesus recebeu o Nome que está acima de qualquer outro nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e sob a terra; e toda língua confesse que Jesus Cristo é o *Senhor*!" (Fl 2,9-11). No dia de Pentecostes, Pedro terminou o seu primeiro anúncio revelando a grande descoberta que a experiência de ressurreição significou para ele: "Que todo o povo o saiba: Deus fez de Jesus Cristo o *Senhor*!" Jesus, morto e ressuscitado, é a revelação de que Deus, o mesmo Deus de sempre, é e continua sendo JHWH (Adonai, Kyrios, Senhor), presença íntima, amiga e libertadora no meio do seu povo, capaz de vencer a barreira até da própria morte. Pela sua morte e ressurreição Jesus

rasgou as amarras (Cl 2,14), quebrou o espelho da auto-contemplação idólatra e abriu de novo a janela por onde Deus nos mostra a sua face e nos atrai para si.

A partir de Jesus e em Jesus, o Deus dos pais, que parecia tão distante e severo, adquiriu os traços de um Pai bondoso de grande ternura! Abba! Nosso Pai! Para nós cristãos, o mais importante não é confessar que Jesus é Deus, mas sim testemunhar que *Deus é Jesus*. Deus se dá a conhecer em Jesus, Jesus de Nazaré. Ele é a chave para uma nova leitura do AT, o novo Nome de Deus, o caminho através do qual Deus chega até nós e através do qual nós voltamos para Deus. Este é o centro da Boa Nova que ele nos trouxe, o essencial do Evangelho, ao qual temos que voltar sempre.

Esta nova revelação do Nome de Deus em Jesus é uma iniciativa da total gratuidade do amor de Deus, da sua fidelidade ao próprio Nome. Mas ela só pôde chegar até nós graças à obediência total e radical de Jesus: "Obediente até à morte, e morte de cruz!" (Fl 2,8). Jesus chegou a identificar-se em tudo com a vontade de Deus. Ele mesmo diz: "Eu a cada momento faço o que o Pai me manda fazer" (Jo 12,50). "O meu alimento é fazer a vontade do Pai" (Jo 4,34). Por isso, ele é total transparência, revelação do Pai: "Quem vê a mim vê o Pai!" (Jo 14,9). Nele chegou a habitar a "plenitude da divindade" (Cl 1,19). "Eu e o Pai somos uma coisa só". Esta obediência não foi fácil. Jesus teve momentos difíceis, em que chegou a gritar: "Afasta de mim este cálice!" (Mc 14,36). Como diz a carta aos Hebreus: "Com clamor e lágrimas dirigiu preces àquele que podia salvá-lo da morte!" (Hb 4,7). Teve que aprender o que vem a ser obediência (Hb 4,8). Mas venceu por meio da oração. Por

isso, tornou-se para nós revelação e manifestação do Nome, daquilo que o Nome significa para nós. A obediência de Jesus não é disciplinar, mas é profética. É ação reveladora do Pai. Por meio dela, rebentaram-se as amarras e rasgou-se o véu que escondia o rosto de Deus. Abriu-se para nós um novo caminho até Deus.

II. O caminho que Jesus abriu para nós até Deus: Humanizar a vida, servir os irmãos, acolher os excluídos

A convivência de três anos com Jesus e a experiência da ressurreição, foram algo tão surpreendente e tão fora de todos os esquemas tradicionais, que os primeiros cristãos não tinham palavras para expressá-lo. A experiência de Deus não cabe nas nossas palavras. Quando as palavras não bastam para expressar o que se vive, costumamos recorrer ao canto e aos símbolos, às imagens e à poesia. Foi assim que começou a cristologia: com nomes, títulos, imagens, símbolos, cânticos, poesias, que até hoje estão espalhados no Novo Testamento e nos quais os primeiros cristãos procuravam expressar e transmitir o que estavam vivendo. A maior parte das imagens, eles foram buscá-las no Antigo Testamento.

Foram sobretudo três as primeiras imagens ou nomes que eles aí encontraram para verbalizar a novidade antiga de Deus que estavam vivendo. O próprio Jesus usou as três numa única frase quando disse: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate para muitos" (Mc 10,45). As três são: *Filho do Homem*, *Servo de Javé* e *Redentor* (resgatador). Elas são, por assim dizer, as três fotografias mais antigas que os primeiros

cristãos nos conservaram para nos dizer o que Jesus significava para eles e qual o caminho que ele abriu para nós chegarmos até Deus. Vejamos de perto o significado de cada um destes três títulos de Jesus.

1. *Filho do Homem*

É o nome que Jesus mais gostava de usar. Este nome aparece com grande frequência nos evangelhos. Quinze vezes só no evangelho de Marcos (Mc 2,10.28; 8,31.38; 9,9.12.31; 10,33.45; 13,26; 14,21.21.41.62).

O título "Filho do Homem" vem do AT. No livro de Ezequiel, ele indica a condição bem humana do profeta (Ez 3,1.4.10.17; 4,1 etc.). A Bíblia Pastoral traduz por "Criatura humana". No livro de Daniel, o mesmo título aparece numa visão apocalíptica (Dn 7,1-28), na qual Daniel descreve os impérios dos Babilônios, dos Medos, dos Persas e dos Gregos. Na visão do profeta, estes quatro impérios têm a aparência de "animais monstruosos" (cf. Dn 7,3-8). São impérios animais, brutais, desumanos, que perseguem, desumanizam a vida e matam (Dn 7,21.25). Na visão do profeta, depois dos reinos anti-humanos, aparece o Reino de Deus que tem a aparência, não de um animal, mas sim de uma figura humana, *Filho de homem*. Ou seja, é um reino com aparência de gente, reino humano, que promove a vida. Humaniza (Dn 7,13-14).

Na profecia de Daniel a figura do *Filho do Homem* representa, não um indivíduo, mas sim, como ele mesmo diz, o "povo dos Santos do Altíssimo" (Dn 7,27; cf. Dn 7,18). É o povo de Deus que não se deixa desumanizar nem enganar ou manipular pela ideologia dominante dos impérios animais. A missão do *Filho do Homem*, isto é, do povo de Deus, consiste em realizar o Reino de Deus

como um reino humano. Reino que não persegue a vida, mas sim a promove! Humaniza as pessoas.

Apresentando-se aos discípulos como *Filho do Homem*, Jesus assume como *sua* esta missão que é a missão de todo o Povo de Deus. É como se dissesse a eles e a todos nós: "Venham comigo! Esta missão não é só minha, mas é de todos nós! Vamos juntos realizar a missão que Deus nos entregou, e realizar o Reino humano e humanizador que ele sonhou!" E foi o que ele fez e viveu durante toda a sua vida, sobretudo, nos últimos três anos. Dizia o Papa Leão Magno: "Jesus foi tão humano, mas tão humano, como só Deus pode ser humano". Quanto mais humano, tanto mais divino. Quanto mais "filho do homem" e tanto "filho de Deus!". Tudo que desumaniza as pessoas afasta de Deus, também a vida religiosa. Foi o que Jesus condenou, colocando o bem da pessoa humana como prioridade acima das leis, acima do sábado (Mc 2,27).

Na hora de ser condenado pelo tribunal religioso do sinédrio, Jesus assumiu este título. Perguntado se era o "filho do Deus" (Mc 14,61), ele responde que é o "filho do Homem": "Eu sou. E vocês verão o *Filho do Homem* sentado à direita do Todo-poderoso" (Mc 14,62). Por causa desta afirmação foi declarado réu de morte pelas autoridades. Ele mesmo sabia disso pois tinha dito: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate para muitos" (Mc 10,45).

2. *Servo de Javé*

Para Jesus, o Filho do Homem é aquele que realiza a missão de Servo de Javé. Nas três vezes em que ele prediz a sua paixão e morte, Jesus se orienta pela profecia do

Servo de Deus, tal como está descrita no livro de Isaías, e os aplica ao Filho do Homem (Mc 8,31; 9,31; 10,33).

Naquele tempo, havia entre os judeus uma grande variedade de expectativas messiânicas. De acordo com as diferentes interpretações das profecias, havia gente que esperava um Messias *Rei* (Mc 15,9.32). Outros, um Messias Santo ou *Sumo Sacerdote* (Mc 1,24). Outros, um Messias *Guerrilheiro* subversivo (Lc 23,5; Mc 15,6; 13,6-8). Outros, um Messias *Doutor* (Jo 4,25; Mc 1,22.27). Outros, um Messias *Juiz* (Lc 3,5-9; Mc 1,8). Outros, um Messias *Profeta* (Mc 6,4; 14,65). Cada um, conforme os seus próprios interesses ou classe social, aguardava o Messias, encaixando-o nos seus próprios desejos e expectativas. Ao que parece, ninguém, a não ser os *anawim*, os pobres de Javé, esperavam o Messias *Servidor*, anunciado pelo profeta Isaías (Is 42,1; 49,3; 52,13). Somente os pobres se lembravam de valorizar a esperança messiânica como *serviço* ecumênico do povo de Deus à humanidade. Maria, a pobre de Javé, disse ao anjo: "Eis aqui a *serva* do Senhor!" Foi dela que Jesus aprendeu o caminho do serviço.

A origem dos quatro cânticos do Servo de Deus (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13 a 53,12) remonta a um grupo de discípulos e discípulas de Isaías que viviam no cativeiro da Babilônia em torno de 550 antes de Cristo. Como o Filho do Homem, também o Servo de Deus era uma figura coletiva que indicava o povo do cativeiro (Is 41,8-9; 42,18-20; 43,10; 44,1-2; 44,21; 45,4; 48,20; 54,17), descrito por Isaías como um povo "oprimido, sofredor, desfigurado, sem aparência de gente e sem um mínimo de condição humana, povo explorado, maltratado e silen-

ciado, sem graça nem beleza, cheio de sofrimento, evitado pelos outros como se fosse um leproso, condenado como um criminoso, sem julgamento nem defesa" (cf. Is 53,2-8). Retrato perfeito de uma terça parte da humanidade de hoje!

Este povo-servo é descrito como aquele que "não grita, nem levanta a voz, não solta berros pelas ruas, não quebra a planta machucada, nem apaga o pavio de vela que ainda solta fumaça" (Is 42,2). Ou seja, perseguido, não persegue; oprimido, não oprime; machucado, não machuca. Nele o vírus da violência opressora do império não consegue penetrar. Esta atitude resistente do Servo de Javé é a raiz da justiça que Deus quer ver implantada no mundo todo. Por isso, ele chama o povo para ser o seu Servo com a missão de irradiar esta justiça no mundo inteiro (Is 42,2.6; 49,6). Os quatro cânticos do Servo são uma espécie de cartilha para ajudar o povo oprimido, tanto de ontem como de hoje, a descobrir e a assumir a sua missão.

Jesus conhecia estes cânticos e por eles se orientou. Na hora do batismo no rio Jordão, o Pai indicou para ele a missão do Servo (Mc 1,11). Quando, na sinagoga de Nazaré, expôs o seu programa ao povo da sua terra (Lc 4,16-21), Jesus assumiu esta missão publicamente. A partir daquele momento, Jesus percorre a Galiléia para ajudar o povo a descobrir e assumir, junto com ele, esta missão de Servo de Deus.

Jesus foi o Servo de Deus que percorreu o caminho dos quatro cânticos até o fim. A sua vida e o seu testemunho são o seu melhor comentário. É nesta sua atitude de serviço que ele nos revela a face de Deus que nos atrai, e nos indica o caminho de volta a Deus.

3. Redentor

Uma das expressões mais antigas, usadas pelos primeiros cristãos para expressar o significado de Jesus para as suas vidas, é aquela do *resgate* (goêl). No Antigo Testamento, caso alguém, por motivo de pobreza ou de dívidas, perdesse sua terra ou fosse vendido como escravo, o parente mais próximo (goêl) devia entregar tudo de si para *resgatá-lo* (Lv 25 e Dt 15) e, assim, restaurar a convivência fraterna no clã. Era o que se esperava do retorno do profeta Elias: "reconduzir o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais" (Ml 3,23-24). Para os primeiros cristãos, Jesus era o parente próximo (goêl), o irmão mais velho, que entregou tudo de si, esvaziou-se, para resgatar seus irmãos e suas irmãs, vítimas da escravidão da lei, do racismo, da ideologia do império e da religião opressora, para que, novamente, pudessem viver em fraternidade.

No tempo de Jesus, em nome da Lei de Deus, muita gente era excluída e marginalizada. Jesus, a partir da sua experiência de Deus como Pai, denuncia esta situação que esconde o rosto de Deus para os pequenos (Mt 23,13-36). Como parente próximo (goêl), oferece um lugar aos que não tinham lugar na convivência humana. Acolhe os que não eram acolhidos e, na sua nova família (Mc 3,34), recebe como irmão e irmã aos que a religião e o governo desprezavam e excluía: os *imorais*: prostitutas e pecadores (Mt 21,31-32; Mc 2,15; Lc 7,37-50; Jo 8,2-11); os *hereges*: pagãos e samaritanos (Lc 7,2-10; 17,16; Mc 7,24-30; Jo 4,7-42); os *impuros*: leprosos e possessos (Mt 8,2-4; Lc 11,14-22; 17,12-14; Mc 1,25-26); os *marginalizados*: mulheres, crianças e doentes (Mc 1,32; Mt

8,17;19,13-15; Lc 8,2s); os *colabo-radores*: publicanos e soldados (Lc 18,9-14;19,1-10); os *pobres*: o povo da terra e os pobres sem poder (Mt 5,3; Lc 6,-20.-24; Mt 11,25-26). Todas estas pessoas, inclusive Paulo, o perseguidor, tiveram a experiência de terem sido resgatados para Deus por Jesus, o irmão mais velho, o primogênito (Cl 1,15; Ap 1,5), que para com elas cumpriu o seu dever de *goêl*: "Ele me amou e se entregou por mim" (Gl 2,20). Ele se fez escravo, esvaziou-se, para nos enriquecer com a sua pobreza (2Cor 8,9), para que nós pudessemos recuperar a liberdade e retomar a vida em fraternidade.

O termo hebraico *goêl* é tão rico que não tem tradução unívoca. No Novo Testamento ocorrem os termos libertador, redentor, salvador, consolador, advogado, paráclito, defensor, parente próximo, irmão mais velho, primogênito. Todos estes termos, usados para designar Jesus, referem-se, de uma ou de outra maneira, a este costume antigo de Goêl, aplicado a Jesus, nosso irmão mais velho. Apresentando-se como *goêl*, redentor dos irmãos e irmãs excluídas da convivência comunitária, Jesus revela a face de Deus como Pai, como Mãe, que acolhe a todos e vai atrás dos abandonados.

Resumindo. Foi através da janela destes destes três nomes *Filho do Homem*, *Servo de Deus* e *Redentor*, os três tirados do Antigo Testamento, que os primeiros cristãos olhavam para Jesus e transmitiam para os outros o significado de Jesus para as suas vidas: O *Filho do Homem* se caracteriza pela **humanidade**; o *Servo de Deus*, pelo **serviço**; o *Redentor*, pela **acolhida aos excluídos**. Humanizar, Servir, Acolher. São os três traços principais por onde Deus nos revela o seu rosto em Jesus e nos atrai para si. Eles indi-

cam o caminho mais antigo e mais tradicional para nós voltarmos para a nossa origem e vivermos o essencial da Boa Nova de Deus que Jesus nos trouxe. Eles nos ajudam a entender como Jesus é Filho de Deus.

Conclusão

“Verdadeiramente, este homem era filho de Deus!”

O título com que Marcos começa e termina o seu evangelho é *Filho de Deus!* Ao ouvir este título no início do evangelho (Mc 1,1), o leitor, instintivamente, olha para o alto, para o céu, onde mora Deus, pois é do alto do céu que esperamos a revelação do nosso Deus. Mas durante a leitura do evangelho de Marcos, acompanhando Jesus, desde a beleza do lago na Galiléia até à tristeza do Calvário em Jerusalém, o leitor, a leitora, pouco a pouco, vai baixando a cabeça para olhar o chão. E no fim, na hora da morte, morrem as idéias e os critérios com que tentava entender e enquadrar a imagem do Filho de Deus. No Calvário, estamos diante de um ser humano torturado, excluído da sociedade, condenado como herético e subversivo por três tribunais: religioso, civil e militar. Ao pé da cruz, pela última vez, as autoridades religiosas confirmam a sentença: trata-se realmente de um rebelde fracassado, e o renegam publicamente (Mc 15,31-32).

Pendurado na cruz, privado de tudo, Jesus grita “Eli, Eli!”. O soldado pensava: “Ele está chamando por Elias!” (Mc 15,35) Os soldados eram todos estrangeiros, mercenários. Não entendiam a língua dos judeus. O homem pensava que *Eli* fosse o mesmo que *Elias*. Assim, pendurado na cruz, Jesus está num isolamento total.

Mesmo que quisesse falar com alguém, não teria sido possível. Ninguém o entenderia. Seria o mesmo que falar português para quem só entende inglês. Ele ficou totalmente só: Judas o traiu, Pedro o negou, os discípulos fugiram, as autoridades zombam dele, os transeuntes caçoam, e nem a língua que ele fala serve mais para se comunicar. As mulheres amigas tinham que ficar de longe, observando, sem poder fazer nada (Mc 15,40). Isolado, sem qualquer possibilidade de comunicação humana, Jesus se sente abandonado até pelo Pai: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mc 15,34). E soltando um grito, ele morre!

É assim que morre o *Filho do Homem*, o Messias *Servo!* Foi este o preço que Jesus pagou pela sua fidelidade à opção de seguir sempre pelo caminho do serviço e da humanidade para *resgatar* seus irmãos e suas irmãs, para que, de novo, pudessem recuperar o contato com Deus e viver na fraternidade. Mas foi exatamente nesta hora da morte, a hora em que tudo desmoronava, que um novo sentido renasceu das cinzas. A morte de Jesus foi uma vitória! Aquela sua obediência radical até à morte, no total abandono de uma *Noite Escura* sem igual, fêz explodir as amarras que escondiam o **Nome**. A cortina do templo, símbolo do poder que condenou Jesus, rasgou de alto a baixo. O sistema que isolava Deus no Templo, longe da vida do povo, estava encerrado. O centurião, um pagão, que fazia a guarda, faz uma solene profissão de fé: “Verdadeiramente, este homem era filho de Deus!” (Mc 15,39) Ele descobre e aceita o que os discípulos não foram capazes de descobrir e de aceitar, a saber, reconhecer a presença do *Filho de Deus* num ser humano crucificado.

Começamos este artigo com as duas perguntas: "Como Deus chega até nós para nos atrair? Qual o caminho para onde nos atrai para podermos voltar até Ele?" E dissemos que estes dois caminhos, de Deus até nós e de nós até Deus, ambos passam pela pessoa de Jesus. Agora, no fim, uma conclusão bate na nossa consciência: quem quer voltar ao essencial da Boa Nova de Deus que Jesus nos trouxe, e encontrar, *verdadeiramente*, o Filho de Deus, não deve procurá-lo no alto, num céu distante, mas deve olhar ao seu lado, para o ser humano excluído, torturado, desfigurado, sem beleza, e para aqueles e aque-

las que doam sua vida pelos irmãos. É lá que o Deus de Jesus se esconde, se revela e nos atrai, e é lá que ele pode ser encontrado. É lá que Deus nos dá a prova de que Ele continua sendo JHWH, presença íntima, amiga e libertadora no meio de nós. É lá que está a imagem desfigurada de Deus, do Filho de Deus, dos filhos e filhas de Deus. *"Prova de amor maior não há que doar a vida pelo irmão!"*

Carlos Mersters, OC – Teólogo. Doutor em Sagrada Escritura. Autor de vários livros.

Endereço do autor:

Província Carmelitana – Rua Morais e Vale, 111
20021-260 – Rio de Janeiro – RJ

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Na sua experiência espiritual que significa *reconhecer* o caminho através do qual Deus chega até nós?
- 2- No contexto do mundo atual, que significa seguir o caminho de encontro com Deus que Jesus nos abriu : – humanizar, servir, acolher?
- 3- Para você e sua comunidade o que supõe voltar ao essencial da Boa Nova que Jesus nos trouxe?

“A obediência de Jesus não é disciplinar, mas é profética. É ação reveladora do Pai. Por meio dela, rebentaram-se as amarras e rasgou-se o véu que escondia o rosto de Deus. Abriu-se para nós um novo caminho até Deus. ”

Vida Consagrada enraizada em Cristo Jesus

Testemunho, profecia e esperança¹

"O povo que andava nas trevas viu uma grande luz..." Is 9,1.

MARIS BOLZAN, SDS

1. Desafios do mundo contemporâneo

São muitas as avaliações e análises já realizadas sobre a contemporaneidade. O século XXI, mais do que um tempo cronológico, é um horizonte, uma situação, uma condição humana e planetária nova.

Vivemos numa aldeia cada vez mais globalizada.

Ao lado dos grandes avanços e conquistas incomparáveis, cresce uma gritante desigualdade social e exclusão desumanizadora.

O modelo neoliberal vigente é incapaz de solucionar os males de nossa sociedade, sobretudo dos países do 3º mundo – ele *exclui mais onde maior exclusão havia.*

O sistema social:

Pelo modo como se organiza, como produz e distribui os bens necessários e as responsabilidades, como estabelece a rede de relações e exerce o poder, não consegue incluir a maioria das pessoas, criando uma situação de desagregação social, de *sobrantes, descartáveis*. O sistema está sendo *gerador de dor, desumanização, desestruturação, violência, morte...*

Compreender a exclusão e a marginalização social, a fome e a pobreza como formas de violência e atentado contra a vida do povo, e não apenas como problemas sociais, constitui uma tarefa e um desafio.

O grande desafio para a VC são os 2/3 da humanidade de pobres, excluídos "os sobrantes".

Dados:

- 6.2 bilhões população mundial, aproximadamente
- 2.852 bilhões (46%) em estado de pobreza
- 1.2 bilhões – pobreza extrema
- 600 milhões vivem na AL e Caribe

América Latina:

- 227 milhões – (44.4%) população, vivem na pobreza
- 100 milhões (19,4%) vivem na indigência

Brasil:

- População: 184.935.334 habitantes
- 14,5% da população, se declara portadora de deficiência
- 16% não alfabetizados
- 54 milhões vivendo abaixo da linha de pobreza

¹ Palestra proferida no Seminário na Academia Católica da diocese de Limburg, na cidade de Wiesbaden, Alemanha, no contexto da abertura do lançamento da Campanha da ADVENIAT.

- 23 milhões de indigentes.
- 2,5 milhões de crianças e adolescentes sofrem exploração no trabalho

O que há de consenso é que estamos atravessando uma crise global civilizacional "mudança epocal":

- que tem a característica de ser global, mundial;
- aponta para o esgotamento de um modelo e do emergir de novos significados, sentidos, paradigmas. Crise da ética do passado e busca de nova ética;
- afeta todos os níveis e dimensões – pessoal, comunitário..., social, cultural...;
- gera um clima generalizado de instabilidade, de risco, medo, violência, banalização da vida;
- levanta perguntas sobre a justiça, a ética do cuidado, da solidariedade, da responsabilidade geracional, da com-paixão e da libertação.

2. VC enraizada em Cristo

Jesus – Testemunho, Profecia, Esperança.

Dados estatísticos mundiais revelam que 82,2% da Vida Religiosa é laical e majoritariamente feminina. Os 72,5% são religiosas e 27,5% da VR masculina está constituída por 17,8% de presbíteros e um 9,7% de Irmãos.

- A VC se define como vida de seguimento radical a Jesus Cristo na diversidade de seus carismas e ministérios.
- A VC não somente segue a JC, mas está enraizada nEle, numa comunhão de vida, de compromisso com seu projeto e de seu destino.
- A VC é um caminho de busca incansável de fidelidade criativa e atualização do Seguimento que se desenrola na história

– “Manter viva a memória de Jesus de Nazaré, que Deus ungiu com o Espírito Santo e com o poder e andou nas estradas da Palestina...(At 10, 38-40).

- A VC radicaliza o testemunho de entrega e serviço aos pobres (Lc 4, 18 ss) : O Reino chega como bondade e justiça de Deus para os pobres e constitui o centro da vida e missão de Jesus.
- Jesus, por sua bondade, misericórdia e justiça para com os pobres revelou o rosto de Deus “Abba”. Dar testemunho de Jesus Cristo é viver a fé cristã num “lugar e hora” concretos.

Jesus, é apresentado por Mateus como Mestre da justiça (Mt 3,15), o seu Seguimento se reveste de um caráter profético. Os discípulos e discípulas de Jesus assumem o compromisso com a construção do Reino e ser anunciadores de justiça e globalizadores da solidariedade. A exclusão se supera com ações de justiça e de solidariedade.

Enquanto enraizada em Jesus Cristo, a VC participa de sua missão, em seu mistério de encarnação, anúncio do Reino, de sua morte e ressurreição.

Encarnação – Uma vida religiosa inserida nos meios populares, nas fronteiras e periferias. Aberta a uma alternativa profética construída em redes e alianças solidárias. No mesmo espírito das origens, é desafiada a dar respostas novas pois a opção preferencial pelos pobres passa pela opção fundamental por Jesus Cristo.

Anúncio – Uma VC itinerante e samaritana, participante ativa na ação evangelizadora da Igreja e no compromisso missionário. Presente em lugares de conflitos e nas fronteiras, companheira do povo em situação de sofrimento.

Martirial – Uma VC com postura crítico-profética – testemunho de martírio. Solidariza-se e convive com as vítimas da marginalização. Contempla o Crucificado para descobrir Nele, todos os crucificados da terra para ser uma presença salvadora, amando-os até o fim.

Ressurreição – Testemunha a firme esperança, a VR cultiva a Utopia, estimula e assume projetos e iniciativas em defesa e promoção da vida em todas as suas dimensões nas quais ela está engajada.

3. Diante dos desafios do mundo contemporâneo, qual a contribuição da VC como seguidora de Jesus?

A globalização neoliberal desafia a fidelidade criativa da VC ao Projeto de Deus e sua capacidade de sonhar perspectivas evangélicas viáveis para a construção de um “outro mundo possível” com condições de vida digna para todos.

Pobreza e desigualdades crescentes desafiam a VC na América Latina associar-se ao sonho e luta de muitos. Cada dia aumenta a pobreza, miséria e exclusão no mundo, na AL e no Brasil.

Não compete à Vida Religiosa propor à sociedade latino-americana e brasileira um modelo de organização social, mas sua contribuição se situa no *horizonte da profecia* e da *esperança* – mística e compaixão.

Horizonte da profecia: VC mais próxima, inserida e solidária, samaritana e comprometida com o povo na luta por vida. Ajudar o povo acreditar na sua dignidade e no seu potencial transformador, na sua capacidade de operar mudanças sociais substanciais, de articular-se em redes e parcerias e de propor uma globalização alternativa.

Horizonte da esperança: A VC no continente precisa ser imagem de esperança e ajudar o povo a “dar a razão de sua esperança” (1Pd 3,15). Esperança que nasce da fé em Jesus Cristo, que não nega a história, mas cria espaço de vida diante do vazio, da dor, da violência e da morte.

Esperança teimosa que luta e anuncia o novo já presente. Como o povo de Israel que estava a caminho rumo à concretização das promessas, assim a VC, itinerante e solidária, quer caminhar nas pegadas esperançosas do povo.

Como o salmista, também nós cultivamos a utopia da possibilidade histórica de um outro mundo mais justo e sustentável, com melhores condições de vida para todos: “Amor e fidelidade se encontram, justiça e paz se abraçam. A fidelidade brotará da terra, e a justiça se inclinará do alto céu” (Sl 85/84, 11-12).

Jesus, o Messias é a meta e o cumprimento dessa trajetória de esperança anunciada pelos profetas. A raiz última da esperança é o amor. **“E o povo que andava nas trevas viu uma grande luz”...**

Assim sendo, a VR é chamada a re-situarse e re-significar sua presença e missão no seguimento de Jesus Cristo, testemunhando o caminho do Reino de Deus, desde os desprovidos e excluídos.

Os pobres do Continente Latino-americano continuam sendo a maioria e também os destinatários privilegiados do Reinado de Deus e da missão da VC. O serviço, a solidariedade e a justiça não são coisas passadas. A opção audaciosa e transformadora pelos pobres continua sendo urgência evangélica.

A VC do Continente latino-americano necessita de uma espiritualidade mística que brota da intimidade com a Palavra de

Deus fonte de coragem para responder aos desafios – para ir além das próprias fronteiras comunitárias de suas obras, para somar e alcançar os mais abandonados.

Para tanto necessitamos de uma VR menos institucionalizada e mais audaciosa diante das grandes urgências dos tempos, que aprende a inculturar-se nos diversos lugares e contextos. Uma inculturação feita de discernimento, mística, audácia, diálogo e de provocação evangélica desde o próprio carisma (VC 80).

A grande profecia da VR na AL é a opção preferencial de partilhar a vida e a sorte dos excluídos e construir com eles uma alternativa social em face a desumanização do sistema neoliberal.

Sem testemunho e sem profecia, a VC perde a força que lhe é própria: a força que brota da comunhão com Deus e adesão decidida ao evangelho.

O mundo neoliberal e pós-moderno é o mar em que a VC deve avançar para águas mais profundas. Remar rumo às profundidades do mistério de Deus e rumo ao coração da humanidade e do planeta. Remar mar adentro, apesar da obscuridade.

O Ícone da TENDA: o espírito de itinerância faz-nos superar os medos e assumir a lógica do testemunho e da profecia e não somente vislumbrar, mas desvelar novos horizontes muito mais perto que pensamos.

*Wiesbaden, Alemanha
26 de novembro de 2005
Ir Maris Bolzan, SDS
Presidente Nacional da CRB*

Endereço da autora:
Rua Alcindo Guanabara, 24-4º andar – Cinelândia
20038-900 Rio de Janeiro – RJ

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- A partir da sua experiência, quais são os desafios maiores para a Vida Religiosa no mundo contemporâneo?
- 2- Como a sua comunidade (província) está se posicionando diante desses desafios?
- 3- Que fazer para implementar gestos concretos de compromisso com a mudança de situações de pobreza e exclusão?

**“Enquanto enraizada em Jesus Cristo,
a VC participa de sua missão, em seu mistério
de encarnação, anúncio do Reino, de sua
morte e ressurreição.”**

A esclesialogia do Concílio Vaticano II a partir das quatro notas da Igreja

AGENOR BRIGHENTI

Lex orandi, lex credendi. Rezamos no credo que cremos “na Igreja una, santa, católica e apostólica”. No contexto da Contra-reforma, acrescentava-se ‘romana’. Entretanto, a abertura ecumênica inaugurada pelo Concílio Vaticano II suprimiu esta categoria, porquanto é uma particularidade que se choca com a catolicidade da Igreja. Trata-se das chamadas quatro ‘notas’ – ou marcas, atributos, propriedades –, que descrevem o que é a Igreja. Elas fazem parte da ‘profissão de fé’, promulgada pelo Concílio de Constantinopla (381), mas atribuídas ao Concílio de Nicéia (325). Por isso, a designamos ‘Credo Niceno-constantinopolitano’¹.

Um dos caminhos para a explicitação da esclesialogia do Concílio Vaticano II é averiguar como as quatro notas são por ele compreendidas. É o que se propõe este texto. As notas da Igreja são sempre as mesmas, mas no Concílio Vaticano II há uma outra auto-compreensão da Igreja, conforme se pode constatar ao revisitar os seus textos, sobretudo a Constituição *Lumen Gentium*.

O objetivo destas reflexões, não é tanto mostrar a evolução da compreensão das quatro notas no interior do Concílio Vaticano II com relação aos demais Concílios, o que

também seria um interessante percurso. Propomo-nos a simplesmente caracterizá-las desde o Concílio, para situá-las no período do pós-concílio, ou seja, nos quarenta anos de sua recepção, que estamos celebrando neste ano. Mostraremos sua evolução neste período, ou mais propriamente sua involução, infelizmente. Involução esta, devida às profundas mudanças pelas quais passa o mundo de hoje, mas sobretudo ao medo do novo por parte da Igreja, que imobiliza, mata o profetismo e faz emergir a tentação das velhas seguranças do passado.

1. Cremos ‘na’ Igreja enquanto crer ‘em’ Igreja

Na profissão de fé relativa à Igreja, o primeiro que aparece é “cremos na Igreja”. É preciso, entretanto, entender o significado deste ‘na’. A rigor, nós depositamos nossa fé ‘em’ Deus Pai, Filho e Espírito Santo². Só Deus é digno de Fé. Ele é o único Absoluto. O objeto de nossa fé é Deus. Ela termina em Deus, como lembra Santo Tomás (“*não termina no discurso, mas na Coisa*”)³. Mas, para chegar a Deus, se passa por ‘mediações’. E ele quis que a Igreja fosse uma mediação, não única, mas não qualquer para chegar

¹ Cf. F. A. SULLIVAN, *La Iglesia en la que creemos*, Desclée de Brouwer, Bilbao 1995, p. 15-16. O denominado ‘Credo dos apóstolos’ é uma forma mais desenvolvida do credo batismal da Igreja de Roma. A atribuição deste credo aos apóstolos é uma tradição popular sem fundamento histórico.

² O Credo em latim é claro: “*Credo in unum Deum... et in unum Dominum Jesum Christum... et in Spiritum Sanctum*” e não ‘in Ecclesiam’ e sim “*Et unam sanctam catholicam et apostolicam Ecclesiam*”.

³ Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, IIa IIa, q.1, a.9 a 5; q.2, a.2.

até ele, pois é depositária de meios privilegiados de salvação, como são sua Palavra revelada e os sacramentos. No plano de Deus, a Igreja se funda sobre a obra redentora de Jesus e a ação santificadora do Espírito Santo. Com a Encarnação do Verbo, o 'outro' passou a constituir-se o caminho necessário para chegar ao grande Outro. Por isso, enquanto depositamos nossa fé num Deus Trindade, a grande mediação da presença de Deus na história é a comunidade de fé – "onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles". Em última instância, a Igreja é o grande sacramento de Deus. Ou o grande sacramento de seu Reino presente entre nós. Seu 'sinal e instrumento', como afirma o Concílio⁴.

Ao dizermos, portanto, que 'cremos na Igreja', estamos afirmando que cremos 'em' Deus 'com' aqueles que acolhem seu plano de salvação. Crer na Igreja significa crer 'em' Igreja, isto é, crer com os outros e naquilo que os outros crêem – "Bem-aventurados os que creem sem terem visto". Diz São Paulo que 'a fé vem pelo ouvido'. A Bíblia, no A.T., repete que 'os nossos pais nos contaram...'. Por mais pessoal e íntimo que seja nosso encontro com Deus, inevitavelmente nossa fé se fia da fé dos outros, pois a fé teológica pressupõe uma fé antropológica⁵. Crer 'na' Igreja é mais que um simples associar-se, conglomerar-se ou reunir-se, pois o critério último da reunião é a fé em Jesus Cristo, no Espírito, que nos insere no plano criador e redentor do Pai.

Neste particular, característica fundamen-

tal da fé no horizonte do Concílio Vaticano II é a fé cristã como 'fé eclesial', isto é, que passa pela comunidade. A Igreja 'somos nós', os batizados, insiste o Concílio, pois "Ele está no meio de nós", rezamos na celebração eucarística. A conversão a Jesus Cristo implica, portanto, a adesão ao sacramento da comunidade. No contexto da eclesiologia pré-conciliar, a fé tende alicerçar-se, não necessariamente sobre a comunidade, mas sobre um 'substrato católico' de uma suposta cultura cristã, em que não implica a adesão ao sacramento da comunidade, mas tampouco um compromisso pessoal. A Igreja, a rigor, não é comunidade, mas massa e, o cristão, um anônimo. É a modernidade que faz emergir a fé como opção pessoal e coloca as bases da possibilidade de uma comunidade que conjugue de maneira equânime o 'eu' com o 'nós'. Não há comunidade se seus membros conformarem meramente um 'nós'. Como também não há comunidade se ela for constituída simplesmente de 'eus' fechados sobre si mesmos.

No pós-concílio, depois de umas duas décadas de acento sobre o compromisso pessoal no seio de uma comunidade de fé, contexto atual, o 'crer em Igreja' encontra-se tremendamente provado. O triunfo do 'indivíduo solitário' no contexto de nossa modernidade tardia⁶, por um lado, faz emergir o 'mercado do religioso' e, por outro, 'os cristãos sem Igreja'. O mercado do religioso tende a reduzir Deus a um 'objeto de meus desejos', na medida em que se recorre utilitariamente a ele

⁴ Comumente, quando falamos em 'sacramento', pensamos nos sete sacramentos. Mas, *Lumen Gentium*, em suas primeiras frases, fala que a Igreja é o grande sacramento de Jesus e seu Reino.

⁵ Juan Luis SEGUNDO, "Revelación, fé, signos de los tiempos", in I. ELLACURIA-J. SOBRINO, *Mysterium Liberationis. Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*, Tomo I, Editorial Trotta, Madrid 1990, p. 450.

⁶ J. COMBLIN, América latina: presente e futuro, esperança e temor, in *Vida Pastoral* 216 (2001) 10-17.

para barganhar uma 'salvação' que não passa de saúde física, psíquica e prosperidade econômica'. Já os 'cristãos sem Igreja', são aqueles contingentes que, em torno a certos interesses comuns, conformam uma espécie de 'comunidade invisível' ou emocional. Sintonomizam em torno ao consumo de certos produtos religiosos ou à crença em certas 'verdades', mas sem experiência ou vivência comunitária. Nesta perspectiva, caminham certos movimentos eclesiais, na medida em que vão configurando suas próprias liturgias, formando seu próprio clero, sem falar numa eclesiológia ou espiritualidade próprias, evidente, desintonizadas com as do Concílio.

Na perspectiva do Concílio Vaticano II, *Medellín* viu nesse 'crer em Igreja', o professar a fé no seio de comunidades vivas e vivenciais, como são as Comunidades Eclesiais de Base. Elas são a mediação privilegiada para a vivência de uma fé que consiste em crer com os outros e naquilo que os outros crêem. Na mesma direção, *Puebla* havia visualizado a paróquia como 'comunidade de comunidades'. Mas, Santo Domingo, ao falar da paróquia como 'comunidades de comunidades e movimentos' (SD 58,142), os coloca fora da comunidade. Em alguns casos, quase que equivale a situar-se fora da Igreja. Assim, o caminho natural aberto pelo Concílio Vaticano II, que desembocaria nas CEBs, tomou o desvio, para não dizer a contra-mão, de uma fé pouco eclesial e, portanto, pouco cristã.

2. Cremos 'em' Igreja, que é 'una'

Crer 'em' Igreja, que é 'una', significa que ela não é uma federação de Igrejas indepen-

dentes ou uma união de muitas Igrejas diversas. A Igreja é única, uma só, ainda sendo muitas as comunidades eclesiais. Pela comunhão, elas formam "um só corpo", pois têm em comum o mesmo Deus Trino, a mesma esperança, a mesma vocação, a mesma fé, o mesmo batismo, em outras palavras, a mesma Palavra convocadora, o mesmo batismo, a mesma eucaristia.

Foi consciente de sua unidade e universalidade que, desde o princípio, a única Igreja se espalhou mediante a multiplicação de 'congregações locais' (Dioceses), em diferentes lugares, sem perder seu sentido original de identidade. Pela *koinonía* (*koinón* = comum), ou seja, pela comunhão entre as 'comunidades', na mesma fé e no mesmo evangelho, as muitas Igrejas conformam uma só Igreja, ou melhor, uma 'Igreja de Igrejas'. O Vaticano II irá falar de uma 'unidade na diversidade'. Os *Atos dos Apóstolos* falam dessa unidade no sentido de 'ter o mesmo em comum' – um só batismo, uma só fé fundada no ensino dos apóstolos, uma só comunhão na fração do pão e na oração e uma só Eucaristia (2,42ss). João, em seu Evangelho, refere-se a 'um só rebanho (o Povo de Deus) e um só pastor (Jesus Cristo)' (10,16).

No horizonte do Concílio, o tema da unidade se remete a uma de suas palavras-chaves, o diálogo, em quatro dimensões: diálogo da Igreja consigo mesma, com as Igrejas, com as religiões e com o mundo. Na esfera do diálogo interno, Vaticano II propôs uma reforma das estruturas eclesiais, que fizesse 'do povo de Deus' o sujeito deste diálogo, sem as divisórias entre clero e leigos ou o colégio

⁷ Cf. J. M. MARDONES, *Para comprender las nuevas formas de religión*, Ed. Verbo Divino, Navarra, 1994, p. 151-163.

episcopal e o primado. Nasceram as assembleias de pastoral, os conselhos de pastoral, o Sínodo dos Bispos e fortaleceram-se as Conferências Episcopais, muitas delas nascidas uma década antes do Concílio. Mas, também neste campo na atualidade há retrocesso, sobretudo em relação ao papel das Conferências Episcopais e à autonomia dos bispos ou da Igreja Local em relação à Cúria Romana. Na esfera do diálogo ecumênico e inter-religioso, o Concílio Vaticano II, ao falar de 'unidade na diversidade' abre a Igreja para duas realidades até então pouco conscientes ou presentes. Primeiro, que a verdadeira Igreja de Jesus Cristo não está 'somente' na Igreja Católica (*solo modo*), mas 'subsiste' na Igreja Católica (*subsistit in*). Portanto, há verdadeira Igreja de Jesus Cristo fora da Igreja Católica, o que significa dizer que a fé cristã ou ela é ecumênica ou deixa de ser cristã. Há presença da Igreja una' fora da Igreja católica⁸. Segundo, isso implica, não só reconhecer essa realidade ou estar afetivamente unido a ela, mas trabalhar pela unidade dos cristãos, para que essa Igreja una' dê testemunho, a toda a humanidade, de um 'Cristo indivisível' ou da unidade do Deus Trindade.

Neste particular, no imediato pós-concílio, os esforços foram muitos e tudo parecia indicar que a unidade seria um fato, num futuro não muito distante. Entretanto, com exceção de alguns gestos proféticos, certos posicionamentos e documentos oficiais marcam um retrocesso com relação à posição do Vaticano II nesta matéria. As bases de uma 'teologia do diálogo inter-religioso' estão longe de um consenso entre teólogos

e magistério. A falta de testemunho, sobretudo interno, faz da Igreja uma instituição longe de constituir-se num 'sacramento de unidade de todo o gênero humano' (LG 8), como afirma o Concílio.

O diálogo com o mundo tem como campo privilegiado o diálogo com as ciências, com a cidadania, com as ideologias, com as culturas etc. Do ponto de vista magisterial, o diálogo fé e razão, sobretudo pela radical secularização desta, deixa-se passar uma certa nostalgia da 'bela unidade' do período da cristandade⁹. É no campo da cultura que houve um avanço maior na reflexão teológica, mas sem que isso tivesse tido repercussão em uma maior inculturação e diversificação da liturgia, por exemplo.

3. Creemos 'em' Igreja, que é santa

A segunda nota da identidade da Igreja é sua santidade. O Concílio Vaticano II atribui três qualidades à santidade da Igreja, professada no Credo: a Igreja é 'genuinamente santa, indefectivelmente santa e imperfeitamente santa' (*Lumen Gentium* 39)¹⁰. O que se entende por cada uma delas?

Primeiro, a Igreja é 'genuinamente santa', no sentido de que, pelo Batismo, o Espírito Santo nos santifica, nos faz 'santos' -- "Sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou Santo" (Lv 19,2). Deus é o único santo e, portanto, a santidade é dom de Deus, deriva de Deus. Deus cria criaturas santas, que participam de sua santidade. Não somos criaturas quaisquer, pertencemos de modo especial a Deus. Claro que a santidade, além

⁸ G. PHILIPS, *L'Église et son mystère au II Concile du Vatican*, vol. I, p. 119.

⁹ Muitos vêem a *Fides et Ratio* nesta perspectiva, sobretudo filósofos de meios extra-ecclesiais.

¹⁰ Cf. F. A. SULLIVAN, *La Iglesia en la que creemos*, op. cit., p. 81-99.

de ser dom de Deus é resposta humana. Ninguém é obrigado a ser santo, mas todos nascemos para ser santos e o batismo – *ex opere operato*, em si, nos faz santos e nos introduz da ‘comunidade dos santos’.

Segundo, a Igreja é ‘*indefectivamente santa*’ em razão da santidade de seus meios – Palavra de Deus, sacramentos, carismas –, instituídos por Cristo, meios eficazes de graça e salvação. Em outras palavras, mesmo que o pregador e os ouvintes sejam pecadores, a Palavra de Deus continua santa; mesmo que o ministro seja pecador, a eucaristia continua santa... Esses meios têm uma ‘indefectível santidade’ que os pecados humanos não podem diminuí-la ou anulá-la, pois eles pertencem à Igreja, dados por Jesus Cristo. Neste sentido, a Igreja é sacramento de salvação. Entretanto, isso não quer dizer que, então, o povo de Deus pode se acomodar no pecado. A Igreja não é composta só desses meios. Ela também é povo e, o povo, também deve ser santo, pois a Igreja é santa. Por graça, o Batismo nos faz santos e, por virtude, temos o dever de viver de acordo com a vocação recebida. E, viver a santidade, como povo de Deus, é viver a perfeita caridade, viver o amor (Ef 5,2). Em outras palavras, a santidade da Igreja não é independente da santidade de seus membros, ainda que seus meios o sejam. A santidade de seus membros redundando em santidade da Igreja, assim como o pecado de seus membros também diminui a santidade da Igreja.

Terceiro, a Igreja é ‘imperfeitamente santa’, no sentido de que ela é também pecadora. É um erro atribuir à Igreja, neste mundo, qualidades que só terá no futuro Reino de Deus. A Igreja, neste mundo, ainda que possua toda a verdade revelada e todos os meios de graça, seus membros não vivem

desse tesouro com todo o fervor que deveriam. Como diz o Concílio Vaticano II, a Igreja, enquanto peregrina na história, precisa de constante reforma, conversão, pois é constituída por pessoas santas e pecadoras (UR 6). Karl Rahner fala de uma Igreja ‘*semper reformanda*’, em contínua reforma. A Igreja tem membros santos mas, mesmo estes, são pecadores, pois ninguém pode evitar todos os pecados – “o justo peca sete vezes por dia”... Em outras palavras, a Igreja é santa e pecadora, não porque alguns são santos e outros são pecadores, mas porque todos são, ao mesmo tempo, santos e pecadores. Por isso, a confissão dos pecados, seja dos ‘filhos da Igreja’, seja da Igreja como instituição, não é uma negação da santidade da Igreja, ao contrário, é elemento essencial de sua santidade. Santo, não é aquele que não peca, pois isso é impossível, mas quem reconhece seu pecado e pede perdão.

No pós-concílio, nas primeiras décadas, essa nova compreensão levou a Igreja: a reconhecer seus limites e pecados históricos; a reconhecer-se possuída pela verdade que a ultrapassa e não possuidora dela; peregrinando na história, em espírito de busca com todas as pessoas de boa-vontade; enfim, uma Igreja em que, segundo *Evangelii Nuntiandi*, só evangeliza na medida em que se deixar evangelizar (EN 15). Uma Igreja evangelizada para ser evangelizadora, faz do testemunho, segundo Paulo VI nesta exortação, o elemento primeiro em sua missão de ser sinal e instrumento do Reino de Deus (EN 41). No contexto atual, entretanto, há uma tendência em fundar a eclesiologia, não mais sobre a pneumatologia, como o fez o Concílio, mas sobre a cristologia e, mais que isso, sobre uma cristologia docetista, que diviniza a Igreja, privando-a de sua humanidade e

historicidade. Nesta perspectiva, se a Igreja é o 'Corpo de Cristo', então ela só pode ser inteiramente santa e não pode pecar. Caso alguém queira mostrar um suposto pecado, é preciso negá-lo, pois o pecado é indigno de uma Igreja santa. A controvérsia em torno ao 'pedido de perdão pelos pecados da Igreja' por ocasião do 'Jubileu do Ano 2000' é exemplo disso. O papa João Paulo II acabou conseguindo fazer um pedido de perdão por certos pecados 'de filhos da Igreja', mas não pecados da Igreja. Ora, quando há a anuência da instituição com certas situações históricas como a escravidão dos negros, por exemplo, há mais que pecado de 'filhos da Igreja', na medida em que há um comprometimento oficial da instituição como tal.

4. Cremos 'em' Igreja, que é católica

O termo vem do grego – *katholikos*, que deriva de *kath'holou*, que significa 'de acordo com a totalidade'. Quem utilizou o termo pela primeira vez foi Santo Inácio de Antioquia, no séc. II. 'Católica' é sinônimo de 'universal'.

Segundo as Escrituras, a Igreja é universal por quatro razões:

1ª. Por sua *fonte trinitária*: todos são chamados a ser filhos de um mesmo Pai; Jesus Cristo oferece a salvação, não só aos judeus, mas a todo o gênero humano; o Espírito Santo, princípio de comunhão, une todos os fiéis em uma só Igreja de Cristo. Em outras palavras, na família da Trindade,

a Igreja está aberta a congregar toda a família humana, no Espírito da unidade, para que todos acolham a salvação de Jesus Cristo, oferecida a todos¹¹. Sem dúvida, o grande resgate do Vaticano II foi o da Trindade como modelo de comunidade eclesial. São Basílio, ainda no seio da Igreja antiga, falava da Igreja como o 'Corpo dos Três - o Pai, o Filho e o Espírito Santo'¹². Historicamente, talvez por influência da analogia de Paulo entre a Igreja e o corpo¹³, tenha prevalecido no período da cristandade a idéia da Igreja 'Corpo de Cristo' e não dos 'Três'.

2ª. A Igreja é católica, enquanto *universalidade de raças e culturas*: ela leva adiante a obra da salvação universal, mediante sua inserção em cada cultura, para encarnar o Evangelho de Jesus Cristo. A Igreja, quanto mais inculturada, quanto mais encarnada em cada cultura, tanto mais se torna católica e universal. Inversamente, quanto mais encarnada numa única cultura e presente nas demais culturas sem inculturar-se, tanto menos é católica e universal. A uma Igreja monocultural corresponde a uma Igreja não-católica. É impossível redimir, sem assumir. Impossível sanar e restaurar tudo em Cristo sem assumir tudo – raças e culturas. Nada é alheio à redenção de Jesus Cristo. Nada pode estar fora da missão da Igreja.

3ª. A Igreja é católica, enquanto *unidade na diversidade*: dadas as diferenças entre povos e culturas, só há unidade se houver acolhida da diversidade. Assim, a diversidade de tradições nas Igrejas Locais

¹¹ *Lumen Gentium*, logo no início (n.1), fala da Igreja 'sacramento', enquanto sinal e instrumento da íntima união com Deus e de unidade de toda a humanidade.

¹² Cf. F. A. SULLIVAN, *La Iglesia en la que creemos*, op. cit., p. 20.

¹³ Paulo, para isso, serviu-se de uma alegoria de autoria de um senador do Império Romano, aplicando-a na relação cidadão romano e império. De um cunho histórico, o apóstolo dos gentios dá-lhe um horizonte escatológico, aplicando-a ao Corpo Místico de Cristo.

(Dioceses) é expressão da catolicidade ou universalidade da Igreja. Quanto mais espaço há para as diferenças, mais unida a Igreja é. Não é que a unidade tolere a diversidade. É que se a unidade não for unidade de diversidades, será apenas uniformidade. Dada a realidade da diversidade, a unidade só pode ser 'unidade de diversidades'. Diversidade também na maneira de entender a mesma revelação, o que redundará em pluralismo teológico¹⁴. Todo saber é contextualizado, inclusive o saber teológico, porquanto não é um saber absoluto, mas um saber sobre o absoluto. Vaticano II distinguiu muito bem em seu conceito de 'evolução do dogma', a verdade e seu discurso. Todo discurso é um discurso humano, mesmo aquele sobre Deus.

4ª. *Catolicidade em relação à toda a humanidade*: sem exceção, todos são chamados a pertencer a novo povo de Deus. A graça e a salvação é um dom dado para todos e que a Igreja deve ser mediação para todo o gênero humano, independente de religião, raça e cultura. Neste particular, é de suma importância o resgate feito pelo Concílio da categoria 'Reino de Deus', presente na Igreja, mas não só¹⁵. Por um tempo, para salvar a universalidade da salvação, falou-se em 'cristãos anônimos'¹⁶, mas depois preferiu-se falar em 'salvação fora da Igreja' mesmo.

O resgate da catolicidade da Igreja que a

cristandade tendeu a confundir com a particularidade romana, no pós-Concílio, também não deu os passos desejados. Sua fonte trinitária se bate com a volta do cristomomismo¹⁷, eclipsando novamente a pneumatologia. A abertura às diferenças culturais, étnicas e de gênero, se ressentiu de passos tímidos, sobretudo em relação à mulher, aos negros e aos indígenas. A unidade na diversidade viu a irrupção na periferia da primeira teologia diferente de uma teologia hegemônica do centro, mas logo martirizada. Neste particular, as Igrejas locais estão longe da liberdade de irem conformando um rosto próprio. Já a catolicidade enquanto presença peregrinante do povo de Deus no seio de uma humanidade toda ela peregrina, apesar de João Paulo II ter afirmado que 'o ser humano é o caminho da Igreja', esta não tem conseguido descentrar-se de suas questões internas e fazer suas as grandes causas da humanidade, que são causas do evangelho de Jesus Cristo. Assistimos a um verdadeiro eclipse da categoria 'Reino de Deus' na eclesiologia atual, o que redundará em distanciamento e dificuldade de presença, diálogo e serviço com o mundo¹⁸.

5. Cremos 'em' Igreja, que é apostólica

Na segunda metade do séc. IV, a Igreja de Salamis, em Chipre, acrescentou no 'cre-

¹⁴ Cf. K. RAHNER, *El pluralismo en teología y la unidad de confesión de la Iglesia*, in *Concilium* 49/50 (1969) 427-448. Ver, sobretudo, C. BOFF, *Teoria do método teológico*, Vozes, Petrópolis 1998, p. 493-521.

¹⁵ Na *Lumen Gentium*, até mesmo a categoria da Igreja 'mistério' é desenvolvida em relação à categoria 'Reino de Deus'. A Igreja é mencionada como 'o embrião inicial do reino de Cristo', cf. n. 5.

¹⁶ É uma categoria criada por Karl Rahner, mas depois superada por ele mesmo.

¹⁷ Ainda por ocasião da Conferência de Santo Domingo, o Cardeal Dom Aloísio Lorscheider chamava a atenção para os limites deste retorno.

¹⁸ Cf. C. DUQUOC, "Creo en la Iglesia". *Precariedad institucional y Reino de Dios*, Col. Presencia Teológica 112, Sal Térrea, Santander 2001, p. 125-129.

do batismal' a nota 'apostólica'. O Concílio de Constantinopla a adotou¹⁹. Mas, o termo já estava presente desde o séc. II, em Santo Inácio de Antioquia. Nos escritos do N.T., ele expressa a importância dos apóstolos na vida da Igreja: são eles os que dão testemunho da ressurreição de Jesus; são eles quem receberam dele a missão de pregar o Evangelho; e são eles os confirmados em seu ministério, mediante sinais e o próprio sofrimento por causa do Evangelho.

No séc. III, Santo Irineu e Tertuliano, se perguntam aonde encontrar o autêntico ensinamento dos apóstolos. E respondem que, não basta a Bíblia, pois os hereges também dizem se fundamentar na Bíblia. Para encontrar o autêntico ensinamento, que está na Bíblia, é preciso ir aos apóstolos, pois foram os apóstolos que confiaram seu ensinamento às Igrejas e aos encarregados do cuidado delas. Prova disso, é que a doutrina apostólica foi preservada fielmente e garantida mediante os bispos. Além do mais, o fato de todas as Igrejas cristãs do mundo ensinarem a mesma doutrina prova que seu ensinamento deriva da mesma fonte apostólica. Em outras palavras, a Igreja é apostólica, pois nossa fé no Ressuscitado se funda no testemunho dos apóstolos, cuja autenticidade continua sendo garantida pelo ministério episcopal, que sucede o ministério apostólico. A Igreja primitiva via a presença da Igreja na assembléia de fé em torno aos *prebiterói* ou aos *episcopói*, realidade que posteriormente se configurou no episcopado monárquico.

A apostolicidade da Igreja traz à tona os temas da Igreja Local e da colegialidade episcopal. Quanto à colegialidade, todo bispo, enquanto membro do colégio episcopal, é

ordenado, não só para sua Igreja Particular, mas para a Igreja universal. O primado não é um super-bispo, um bispo dos bispos, mas um '*primus inter pares*', que preside a unidade do Colégio. Daí a importância das estruturas de colegialidade como o Sínodo dos Bispos e as Conferências Episcopais continentais e nacionais, cujos estatutos ainda não expressam a eclesiologia do Concílio Vaticano II, ficando aquém de uma verdadeira co-responsabilidade dos bispos, com o primado, pela vida da Igreja universal. Em grande medida, o Sínodo dos Bispos não descentralizou o ministério petrino, os Sínodos Continentais tiraram relevância de Conferências de Bispos como a da América e o Caribe e a episcopalização da Igreja diminuiu a autonomia das Igrejas Locais. Aliás, os textos oficiais falam mais de Diocese como 'Igreja Particular' do que 'Igreja Local', na perspectiva da eclesiologia pré-conciliar que tendia a conceber a Diocese como parcela da Igreja Universal, confiada a um bispo pelo papa, bispo dos bispos. O tema da Igreja local merece um item à parte.

6. A Igreja Local como 'a Igreja toda', ainda que não 'toda a Igreja'

A eclesiologia do Vaticano II, finalmente, em sua volta às fontes bíblicas e patrísticas, redescobre a diocesaneidade da Igreja. Afirma o Concílio que "a Diocese é uma porção do povo de Deus, que se confia ao bispo, para ser apascentada com a colaboração de seu presbitério, de modo que, aderindo a seu pastor e reunida por ele no Espírito Santo, por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitua uma Igreja particular, em que se encontra e opera verdadeiramente

¹⁹ Cf. F. A. SULLIVAN, *La Iglesia en la que creemos*, op. cit., p. 177.

te a Igreja de Cristo que é uma, santa, católica e apostólica” (CD 11). Comentemos alguns aspectos desta definição.

Primeiro, entre outras coisas, o Concílio fala da Diocese como ‘porção do Povo de Deus, reunida pelo bispo, no Espírito Santo’. Só existe Igreja quando há uma assembleia visível, uma comunidade concreta que se reúne. Não dá para ser Igreja à distância, ser cristão sem participar de uma comunidade, constituindo uma espécie de comunidade emocional e invisível. Em outras palavras, não é possível ser cristão, sem estar engajado numa comunidade local, numa Diocese. Segundo, além disso, se trata de uma assembleia reunida *pelo bispo*. Isso remete à Igreja apostólica. A Diocese é ‘porção’ do povo de Deus, não parte. Portanto, em torno ao bispo, sucessor dos apóstolos, se faz presente e atua a totalidade da Igreja. Em sentido pleno, a Igreja só é Igreja na Diocese e, por sua vez, a Diocese só é Igreja, quando é comunhão de Dioceses. Terceiro, a Diocese está fundada e edificada pela Palavra de Deus. A Igreja é uma instituição da Palavra, que precede a congregação dos fiéis. Ela existe para evangelizar: “*ai de mim se não evangelizar*” (1Cor 9,16). A própria Igreja é resultado da evangelização. Não há Igreja sem cristãos evangelizados e que continuamente se deixam evangelizar. Quarto, a Igreja está fundada também na Eucaristia. ‘A Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja’, diz o Vaticano II. Por isso, os cristãos têm direito à Eucaristia e o dever de celebrá-la, pelo menos no Dia do Senhor, fazendo memória da Ressurreição.

Por isso, dizer que, na Igreja Local, se encontra e opera verdadeiramente a Igreja que é uma, santa, católica e apostólica”, significa, por um lado, que na Diocese está ‘a Igreja toda’

e não parte da Igreja, porque nela se encontra totalmente o mistério da salvação. A parte nunca contém o todo – a Igreja toda; já a porção contém o todo, ainda que não toda a Igreja. Por outro lado, a Diocese não é ‘toda a Igreja’, pois nenhuma diocese esgota em si esse mistério. Conseqüentemente, só há verdadeira Igreja quando a Diocese for ‘católica’, isto é, quando desde sua particularidade se abre à comunhão com as demais Igrejas. A verdadeira Igreja de Jesus Cristo é sempre “Igreja de Igrejas”, comunidade de comunidades.

E por falar em volta às fontes bíblicas e patrísticas, as Dioceses, na Igreja primitiva, são “Igrejas em” e não “Igrejas de”, na medida em que é toda a Igreja que se realiza num lugar determinado, dado que cada Igreja Local não é parcela de uma suposta Igreja universal. Conserva-se na Igreja Local todas as qualidades e propriedades de todo o conjunto eclesial.

Para designar a Diocese, o Concílio utiliza os termos ‘local’ e ‘particular’, que não são necessariamente sinônimos. Igreja Local significa a realização da Igreja toda num lugar. Igreja Particular indica sua particularidade ritual, geográfica, cultural. Por isso, na Igreja primitiva e antiga, elas nascem diferentes umas das outras. Há uma eclesialidade pluriforme. Elas se multiplicam sem se excomungarem e sem que as ‘Igrejas-filhas’ sejam iguais à ‘Igreja-mãe’. Nascem inculturadas e, ‘inculturar’, não é sinônimo de ‘identificar’. Assim, uma Diocese será uma Igreja tanto mais autêntica, quanto mais estiver encarnada na realidade em que está inserida, pois o Reino de Deus precisa fazer-se presente ali e a Palavra de Deus precisa tornar-se salvação hoje, na comunidade que a conforma. Cabe, portanto, à Diocese buscar estampar o ros-

to concreto de seu povo em seus ritos, linguagem, estruturas, símbolos, formas de vida etc. Um longo caminho, em que o Vaticano II hoje, infelizmente, é mais ponto de chegada do que de partida. Apesar de já haverem passados quarenta anos...

A modo de conclusão

O Concílio Vaticano II foi preparado pelos movimentos bíblico, teológico, catequético, litúrgico, ecumênico etc., que assumiu suas teses e colocou toda a Igreja nesta perspectiva. Foi recebido com júbilo e esperança. Entretanto, as profundas transformações em curso na sociedade atual, desde há algumas décadas, mergulham-nos numa insegurança tal, que o medo do novo aparece hoje como o principal antídoto do profetismo e da criatividade, tão urgentes e necessários. Instintivamente, está na ordem do dia revisitar o passado, o que se faz abundantemente, não como refontização, mas como refúgio. No campo eclesiológico, como em outros, ressuscitam-se, então, para novas perguntas velhas respostas como crismatismo, eclesiocentrismo, uniformismo, centralismo romano etc.

O Concílio Vaticano II, no entanto, continua inspirador e atual em suas intuições fundamentais e em seus eixos centrais.

Trata-se de fazer uma nova recepção dele no novo contexto que estamos vivendo. No campo eclesiológico, não se pode perder de vista: a Igreja como sacramento do Reino; o Reino de Deus como tema central da pregação de Jesus; a evangelização como diálogo e inculturação do evangelho; a Igreja como servidora do mundo e solidária com as grandes causas da humanidade; o testemunho como primeiro meio de evangelização; a autonomia da Igreja Local; o papel magisterial das Conferências Episcopais nacionais ou continentais; a reforma do ministério petrino; a superação do binômio clero-leigos, para uma Igreja toda ela ministerial; enfim, no dizer de João XXIII, "uma Igreja dos pobres para que seja a Igreja de todos". Esses ideais, assumidos e projetados pelo Vaticano II, não morreram. Estão vivos, ainda que hoje, em tempos marcados por uma evangelização marketeira e mercadológica, seja 'brasa sob cinzas'. O sopro do Espírito, que anima a história, saberá reacendê-las no tempo oportuno, o tempo de Deus.

Agenor Brighenti - Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade de Lovaina, atualmente, professor de Teologia no Instituto Teológico de Santa Catarina e na Universidade Pontifícia do México.

Endereço do autor:

Caixa Postal 540 - 8804-970 - Florianópolis - SC

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1- A seu modo de ver, o que há de precioso na eclesiologia do Vaticano II, que não se pode perder de vista?
- 2- Em seu meio de vida e de trabalho pastoral, que elementos da eclesiologia do Vaticano II você sente que estão sendo deixados de lado e que outros estão ocupando seu lugar?
- 3- Quais os setores ou segmentos eclesiais que hoje procuram manter viva a eclesiologia do Concílio e os que se distanciam dela?
- 4- Quais os reais motivos, seja da fidelidade aos ideais do Concílio, seja do distanciamento deles na Igreja de hoje?

Profetismo e gestão da mudança

IR. AFONSO MURAD

Perguntas que vêm da vida

Eu estava participando de uma reunião de religiosos Irmãos. O coordenador propôs um trabalho de grupo sobre "Nossos sonhos para a Vida Religiosa hoje". Enquanto conversávamos, um companheiro de aproximadamente 40 anos falou baixinho, com um tom de voz sofrido e desesperançado: "*Sonhar dói*". A frase breve e incisiva ressoou dentro de mim, em forma de questionamento: "Por que sonhar dói?" Não seria exatamente o contrário? O sonho, esta capacidade do ser humano de se projetar para além do presente sombrio, e desenhar na imaginação e na criatividade um outro futuro possível, não seria um bálsamo para a dor? Não somente nos ajudaria a suportar o sofrimento, mas nos faria capazes de reunir forças para superá-lo. Afinal, por qual razão o meu amigo-irmão está desistindo de sonhar?

Depois, outro me disse: "Já tive tantos sonhos que moveram minha ação. Mas parece que eles estão se apagando. Quando eu era Jovem religioso, sonhava com a Igreja que nasce do Povo, nas Comunidades de Base. Durante muitos anos, gastei minhas energias na Catequese Renovada e na Pastoral de Juventude. Acreditava e ainda acredito numa Igreja participativa, comunitária, Povo de Deus em diálogo com as grandes questões da humanidade. Mas a Igreja, que vejo ao meu lado, está se distanciando disso. O bispo e os padres da minha diocese estão mais preocupados com a missa, os sacramentos e a moral da Igre-

ja, do que com a vida do povo sofrido. Falam somente para as "ovelhas gordas", aquelas que já estão dentro da Igreja. As ovelhas fracas e os cabritos agitados, estes estão fora. Por onde vou, as CEBs encolhem e os Grupos Pentecostais e os movimentos individualistas se multiplicam mais que formigas depois das primeiras chuvas. E agora, para piorar as coisas, vem esta enxurrada de denúncias de corrupção sobre o governo. Este era o projeto que eu sonhava para um Brasil diferente, e estou muito decepcionado". E ele concluiu: "Eu me sinto como um órfão de pai e mãe. Sim, sou órfão da Igreja da Libertação, e sou órfão da política popular. Então, eu entendo porque meu co-Irmão falou que *sonhar dói*. Para mim, também dói sonhar".

Um terceiro que estava participando da nossa conversa, embaixo da árvore, desabafou: "Eu acho que hoje os profetas não morrem somente assassinados, como a Irmã Dorothy. Eles morrem roucos ou de raiva! Nesta Igreja da mediocridade, está cada vez mais difícil ser profeta."

Fiquei pensando na última imagem. Os profetas estão morrendo roucos, pois não são escutados. E a indignação de uma pessoa lúcida, quando não encontra caminho para dar vazão ao desejo de mudança, se transmuta em sentimento de dor e de impotência, que lentamente corrói suas energias. Aqui se entende o gesto do ambientalista sul mato-grossense que ateou fogo no próprio corpo. Desistiu de lutar, pois perdeu a esperança no poder político.

Uns dias mais tarde, fui assessorar uma Assembléia Regional da CRB no Nordeste. Lá ouvi testemunhos e reflexões semelhantes, sobre a dificuldade de viver o profetismo na Igreja e na sociedade hoje. Mas, havia um clima diferente. Eu via nas faces daquelas irmãs e irmãos (a maioria absoluta era de mulheres) uma esperança que me contagiou. Impressionou-me sobretudo o brilho no olhar de um pequeno grupo de religiosas jovens, do Grupo de "Novas Gerações", e a resistência provada da muitas Irmãs idosas. Já estavam sociologicamente na terceira idade, mas não envelheceram.

Com isto na mente e no coração, proponho uma reflexão sobre como alimentar o profetismo, de forma comunitária e institucional, nestes tempos difíceis. Trata-se do segundo artigo em torno da temática "Gestão e Espiritualidade", que iniciei com o artigo intitulado "O fascínio do poder", publicado anteriormente em *Convergência*.

Profetismo em tempos difíceis

Tomemos dois exemplos de atitudes proféticas que marcaram o ano de 2005 na Igreja do Brasil. No começo do ano, aconteceu o assassinato da Irmã Dorothy, uma missionária norte-americana, que estava comprometida com a luta do povo na região amazônica e se empenhava na criação de áreas que simultaneamente defendessem a floresta e assegurassem vida digna para os pobres. Promovia experiências de sócio-economia solidária e sustentável. Na prática de Dorothy se via um grande amor a Deus, a denúncia da injustiça, o anúncio da esperança e a conexão com as grandes questões sociais e ambientais do Brasil e do mundo. No segundo semestre, o gesto da greve de fome de Dom Luis Flávio Cappio

ecoou no país e também no exterior. Aglutinou pessoas e recolocou na ordem do dia a questão da transposição do Rio São Francisco. Dom Luis veiculou a imagem do vigor profético franciscano atualizado: amor ao rio e ao ecossistema em torno a ele, e amor aos pobres, na população ribeirinha. Sinalizou com um gesto expressivo o que a Campanha da Fraternidade do ano anterior havia anunciado em palavras.

Interessante notar que em ambos os casos, o profetismo teve simultaneamente a característica social e ambiental. Apontou que era preciso cuidar do ambiente e dos pobres. Ora, este mesmo ano de 2005 foi marcado por uma série de catástrofes ecológicas, muitas das quais têm relação direta com a economia de mercado e seus impactos desastrosos sobre os ecossistemas. Basta lembrar os vários furacões, cujo furor está relacionado em parte com as mudanças climáticas e o aquecimento global, e a terrível seca na Amazônia, intimamente dependente do desmatamento. Os fatos sinalizaram, para quem está com a consciência atenta, que a causa defendida por eles é urgente e importante para a humanidade. Mais uma vez, os profetas aparecem como consciência crítica do Povo de Deus.

Profetas são *visionários*, pois percebem antes dos outros os apelos e as esperanças de Deus na confusa trama da história humana e mobilizam as pessoas para realizar seu Projeto. Não necessitam ser videntes, ou seja, exercitar a missão profética a partir de fenômenos paranormais como a pré-monição, ou estados alterados de consciência (êxtases, locuções interiores, visões). Para além da questão do gênero literário, parece que vários profetas bíblicos eram também videntes. Uma das lástimas do

nosso tempo é a total dissonância entre estas dimensões: ser visionário e ser vidente. Pois a grande parte dos "videntes" nos atuais fenômenos místicos de massa manifesta uma medíocre competência visionária sobre a realidade histórica.

A crescente onda de violência urbana no Brasil e o fenômeno da revolta nas periferias de cidades na França alertaram que as sociedades estão doentes, desequilibradas, pois continuam excluindo e segregando grupos sociais, culturais e étnicos. E, ironicamente, no ano em que a Igreja do Brasil trabalhou na Campanha da Fraternidade o tema da Paz, o referendo sobre o desarmamento teve um resultado decepcionante. Várias causas explicam a vitória do "não". Entre elas, o aumento da violência urbana, não acompanhada de uma ação correspondente do poder público pela segurança dos cidadãos, a equivocada identificação do referendo com o Governo Federal e o desvio do foco nas propagandas. Mas há algo que nos diz respeito: o pouco envolvimento da Igreja Católica. Onde a Igreja atuou profeticamente, o *sim* ganhou, como na pequenina e pobre Diocese do norte de Minas, Janaúba. Essa exceção confirma a diminuição do profetismo na Igreja.

Por profetismo entendemos aqui uma forma peculiar de experimentar a existência cristã e a Vida Consagrada, inspirada na figura dos profetas bíblicos, a partir do seguimento de Jesus e do compromisso com a causa do Reino de Deus. Vejamos algumas características atuais do profetismo.

* **Mística:** O profeta é um místico, um ungido, alguém que enraíza sua missão no chamado de Deus, e se alimenta constantemente da Palavra e da presença do Deus-conosco (Jer 1,4-8). Cultiva a sintonia com

o Deus da aliança, que chega ao ápice em Jesus de Nazaré e no Reino de Deus. Esta mística o sustenta, diante das crises e dos desencantos, e mantém a perspectiva inovadora, mesmo em meio ao "reinado da mediocridade" (Jr 20,7-11). Mas não o poupa das crises (Jr 20,14-18).

* **Ética:** Faz parte da espiritualidade profética a crença que o mesmo Deus que cria o ser humano e o universo é o Deus libertador, Aquele que chama o povo oprimido para a vida e a liberdade. No profetismo, a dimensão ética da religião, isto é, fugir do mal e buscar realizar o bem, ganha maior importância que a dimensão cultural/ritual. Aliás, o critério para saber se as expressões culturais são verdadeiras é a prática da bondade (individual) e da justiça (social e comunitária) (Is 1,11-19). Portanto, trata-se de uma ética que brota do coração, e tem uma clara expressão prática e coletiva, a que as palavras "Aliança" e "Reino de Deus" aludem. O profetismo purifica a religião do moralismo (seguir leis objetivas e frias), do individualismo e do ritualismo.

* **Anúncio:** Fundados na experiência dos profetas durante o exílio e no próprio Jesus Cristo, os profetas de hoje são sinais de esperança. Acreditam que o Senhor vai criar "novo céu e nova terra" (Is 65,17; Ap 21,1), que há uma relação estreita entre compromisso histórico pela construção de um mundo possível e a realidade escatológica da morte e da ressurreição. Neste mundo o Espírito de Deus planta, de forma ambígua e provisória, as sementes do definitivo. Eles e elas crêem que a última palavra de Deus sobre a história será a do Bem. Por isso, é preciso se empenhar hoje com toda a intensidade. Como o Servo de Javé, a profe-

cia na crise consiste em manter viva a chama que está quase apagando, reforçar os galhos que estão rachados, resgatar cada fagulha de fogo, apontar cada fresta de luz na história (cf. Mt 12,20).

* **Denúncia:** Quanto mais o profeta experimenta a temura do Deus da aliança, aumenta sua lucidez em perceber como os projetos humanos estão longe do sonho de Deus. Por amor ao Deus da aliança, que é o Deus do Reino, o profeta exerce uma ação conscientizadora e perturbadora. Desvela os mecanismos desumanizadores. Retira as pessoas e as instituições de sua "zona de conforto". A palavra profética atua de forma deconstrutora, a fim de edificar sobre bases mais autênticas: *"Para arrancar e arrasar, para demolir e destruir, em vista de construir e plantar"* (Jr 1,10). Quando o profetismo vem da autoridade formal, que "normalmente" tende a defender a instituição, adquire uma força redobrada. Basta recordar, por exemplo, as palavras e os gestos proféticos de Dom Hélder Câmara e Dom Oscar Romero, que ecoam até hoje.

* **Conexão:** Para poder fazer uma leitura teológico-espiritual atualizada e significativa da realidade humana, que está cada vez mais complexa, não basta estar em sintonia com Deus ou mesmo estudar teologia. Há místicos com alto grau de santidade e teólogos excelentes, mas descomprometidos com a história, com os clamores da Terra e de seus habitantes. O profeta atual está conectado com as grandes questões da humanidade, por alguma experiência prática, pela informação e pelo compromisso de vida. E participa de redes de comunicação, as mais diversas. Recria-se, em novo contexto, a postura dos profetas bíblicos, pessoas extremamente "conecta-

das" com a realidade econômica, política, cultural e religiosa de seu tempo.

Algumas convicções sobre o profetismo atual

* **O profetismo é constitutivo da Igreja.** No dizer de Paulo, a Igreja é com uma edificação, cujos alicerces são os apóstolos e profetas, o próprio Jesus Cristo é a pedra fundamental da construção (Ef 2,20). Se o profetismo desaparecesse da Igreja, ela se transformaria numa instituição vazia, uma mera prestadora de serviços religiosos, a legitimadora do status quo, que entraria em crise novamente, no momento em que surgisse uma nova configuração histórica. O profetismo relembra à Igreja e à Vida Religiosa que não existimos para nós mesmos, que nossas estruturas servem para dar suporte aos carismas, que o futuro pertence a Deus. Mesmo que não seja bem-vindo no atual contexto eclesial, o profetismo é necessário para a Igreja.

* **O profetismo na Igreja é cada vez mais minoritário.** Após a primavera do Vaticano II, estamos experimentando um "inverno eclesial", caracterizado por crescente valorização da autoridade, da lei e do rito. Esta tendência provavelmente se prolongará nos próximos anos, e não se sabe até quando vai durar. Isso significa que as pessoas e os grupos que assumirem atitudes proféticas provavelmente serão ignorados, hostilizados e até mesmo perseguidos em nome dos "santos preceitos". Além disso, o contexto conservador e autoritário exerce uma pressão constante sobre a Vida Religiosa, seus ideais e suas estruturas. Torna-se mais difícil criar algo novo. Os Institutos tendem a se voltar para

si mesmos, suas obras e seus problemas. Evoca-se cada vez mais o Direito Canônico, a doutrina e a moral. E cada vez menos a Escritura, a comunidade e os apelos do mundo. Por se tornar mais exigente, o profetismo será quantitativamente mais minoritário ainda. Mas, em contrapartida, ocasionará uma experiência de fé profunda e heróica nos que nele perseverarem.

***O profetismo minoritário tem que ser visível para ser efetivo.** Numa sociedade midiática, só se torna acontecimento aquilo que chega ao conhecimento das multidões e dos "formadores de opinião". Para isso, a TV, o rádio, os jornais e a Internet desempenham um papel fundamental. Não basta possuir os meios de comunicação, é preciso usá-los bem e ocupar os espaços neles. Mas, a visibilidade profética se diferencia da visibilidade institucional. Na primeira, o que importa não são os projetos pessoais ou a boa imagem da instituição, mas a causa pela qual ela se engaja. Ao defender causas polêmicas, é normal que uma Igreja profética seja "sinal de contradição", para si mesmo (conflitos internos) e para a sociedade (enfrentamento com os poderosos). E aqui entra a segunda questão. Quando Jeremias põe cordas e uma canga em volta do pescoço (Jr 27,2-8), faz um gesto profético provocador, que é acompanhado pela palavra. Assim também, aconteceu com o jejum de Dom Cappio, às margens do Rio São Francisco. Mostrou a importância de uma linguagem significativa, em gestos e palavras. E dirigida não somente para outras minorias, mas também para as massas.

***O Profetismo é simultaneamente pessoal e comunitário.** Precisamos de pessoas arrojadas, que levantem a voz e

suscitem movimentos de transformação. Mas o profetismo não é um fenômeno isolado nem meramente individual. Ele se alimenta em comunidade de profetas, com o suporte de apoiadores e de simpatizantes. Daí, é preciso favorecer as "redes proféticas", para alimentar a mística das pessoas e dos grupos. Sem dúvida, a CRB é uma das mais importantes redes proféticas neste momento da Igreja do Brasil.

***O profetismo é socio-ambiental e planetário.** Ele incorpora no mesmo movimento uma crescente consciência ecológica, o empenho para garantir a continuidade das "comunidades de vida", na qual estão os seres humanos, os outros animais, as plantas, os microorganismos e os seres abióticos (água, solo, ar, sol/energia). Considera tanto a biodiversidade quanto a sócio-diversidade. Assume as questões de gênero, étnicas, culturais e geracionais. O grande desafio é perceber como estas questões são interdependentes e brotam do compromisso da fé com a vida, a partir de uma espiritualidade trinitária, capaz de articular a unidade na diversidade.

Profetismo, liderança e autoridade

Para que o sonho não se transforme em dor e recupere sua dimensão de alegria e busca do novo, é preciso implementar processos. Assim, uma parte do nosso sonho se torna realidade e nos dá alento para sonhar mais. Ora, que passos são necessários para que um grupo de religiosos(as), da mesma congregação ou de diferentes institutos, efetive o profetismo com práticas transformadoras? Como um(a) provincial ou Coordenador(a) Geral deve implementar processos de renovação que tenham resultado positivo? A isso denominamos

gestão da mudança inspirada no profetismo. Por gestão compreendemos o desenvolvimento da competência para planejar, conduzir e avaliar processos. O profeta, por si mesmo, não é gestor, mas sim uma figura inspiradora para processos de mudanças. Porém, num contexto adverso à profecia, é preciso desenvolver também esta competência.

Tomaremos como base teórica, a obra de John Kotter, **Liderando Mudanças**, Ed. Campus, 188 pp. Convém esclarecer que o autor tem uma perspectiva muito diferente da nossa e se dirige a outros interlocutores, especialmente os dirigentes de empresas e de outras instituições formais. Por isso, faremos uma releitura de sua contribuição, à luz da fé.

Quem se encarrega de levar à frente a gestão da mudança? Na Vida Religiosa as transformações, visando voltar às fontes do(a) fundador(a) e atualizar o carisma do Instituto são um movimento simultâneo da cúpula e da base. Mas, como há uma longa tradição de obediência vertical, centralizada na figura de uma pessoa que exerce oficialmente a missão de Animação e o Governo (em muitas congregações e até no Direito Canônico é denominada anacronicamente de "Superior"), os processos de mudança institucional necessitam do comprometimento do(a) Provincial ou do(a) Geral. Aqui se coloca a questão da distinção entre Autoridade Formal, Gerenciamento e Liderança.

Autoridade Formal é aquela que foi delegada pelo seu Instituto para realizar a missão de Animação e Governo, por determinado período. De praxe, os Coordenadores Gerais são escolhidos pelo Capítulo Geral, e os Provinciais, por meio de consulta à Pro-

víncia e posterior validação pelo Conselho Geral. Cada um, no seu nível, é ladeado por um Conselho. Em vários institutos, o Conselho tem assumido cada vez mais a função colegiada de governo, sob a direção e a última palavra do Provincial ou Geral.

Baseado em J. Kotter, podemos dizer que o *gerenciamento* é um conjunto de processos para manter um complexo sistema de pessoas e estruturas funcionando satisfatoriamente. Segundo ele, os aspectos mais importantes do gerenciamento incluem planejamento, orçamento, organização, escolha das pessoas, controle e solução de problemas. A *liderança*, por sua vez, é um conjunto de processos que cria grupos ou organizações para enfrentar determinados desafios, ou os adapta para que respondam de maneira significativa às novas circunstâncias. A liderança "define como deverá ser o futuro, alinha o pessoal a essa visão e o inspira para a ação, apesar dos obstáculos" (pag. 26). A equipe que exerce a Autoridade Formal deve desenvolver as competências de Liderança e Gerenciamento.

O que isso tem a ver com o profetismo? Nossos fundadores eram homens e mulheres de inspiração profética, pessoas visionárias que viam além do seu tempo, e estavam imbuídas de um grande senso de inovação. Conseguiram transformar ameaças em oportunidades. Para responder a um desafio de sua realidade, que sentiram como apelo do Espírito, eles(as) iniciaram um grupo de consagrados(as), com uma missão específica. Seduziram seus primeiros discípulos e colaboradores, devido à grande capacidade de liderança, aliada a uma experiência de Deus, que lhes conferia certeza prática, ousadia e persistência. Também exercitaram o gerenciamento, dentro

das condições e da mentalidade de sua época, para que o carisma ganhasse forma e se consolidasse na história. E aí está a novidade: os fundadores(as) apresentam um lado empreendedor extraordinário, que conjuga justamente profetismo, liderança e gerenciamento, pois têm um sonho e conseguem transformá-lo em realidade, associando as pessoas ao seu projeto. Posteriormente, eles(as) as sumiram a configuração de Autoridade Formal, mas o resultado de sua obra não se deve a isso.

Hoje, a gestão da mudança inspirada no profetismo requer profunda espiritualidade encarnada, muita liderança e uma dose menor, porém necessária, de gerenciamento. Além disso, ela não acontecerá somente num Instituto, mas será o fruto de ação de redes, parcerias e outras formas de atuação conjunta.

A gestão da mudança

A gestão da mudança pode ser realizada em várias instâncias. Usaremos como exemplo uma província religiosa que se dispõe a entrar num processo de mudança, na linha do profetismo. Imaginemos uma equipe de Animação e Governo, impulsionada pelo sonho de renovar ou refundar seu Instituto, para uma criatividade fiel do carisma. Que passos deve dar para que o desejo se efetive? Vamos adaptar as oito etapas propostas por J. Kotter, na obra citada.

1º passo: estabelecer um senso de urgência

O processo se inicia com a coleta de informações sobre a situação da Província ou do Instituto e uma reflexão sobre sua situação, à luz dos apelos atuais da Igreja e da sociedade. Por exemplo, muitas congrega-

ções utilizam a conhecida metodologia do SWOT, que consiste em identificar as Ameaças e Oportunidades advindas do cenário externo, e as Fraquezas e Forças da instituição (leitura interna). Uma leitura inteligente cruza os dados das duas análises e começa a sinalizar por onde a mudança deve ir. O importante do primeiro passo é que a equipe que está levando à frente o processo de mudança tome consciência de que ela deve ser realizada *com urgência*.

As instituições da Igreja católica, pelo fato de serem muito antigas e arraigadas às suas conquistas, padecem de um mal chamado *complacência*. Ou seja, vê-se que a situação exige mudanças, mas se pondera que é prudente aguardar um pouco mais. Esta "síndrome de Jeca Tatu", de sempre esperar em nome da prudência, torna as mudanças cada vez mais difíceis. Kotter diz que "as transformações nunca atingem seus objetivos quando os níveis de complacência são altos" (p. 4). Sem senso de urgência, "as pessoas não empreendem aquele esforço extra que geralmente é essencial" (p. 5). O(a) provincial e seu conselho se convencem e criam um consenso de que algumas mudanças devem ser feitas logo. Formulam e respondem à pergunta: *Por que mudar agora?*

O senso de urgência não é sinônimo de ansiedade e desespero. Não se confunde com a negação das coisas boas realizadas no passado, ou com críticas à gestão anterior. Além disso, o senso de urgência necessita de um **foco**. É impossível mudar tudo ao mesmo tempo. A pergunta que orienta esta etapa seria: Em quais dimensões de nossa vida é preciso hoje realizar mudanças rápidas, enquanto ainda temos forças e pessoas com condições de fazê-las?

2º passo: criar um time forte

Indivíduos isolados, mesmo que sejam muito inteligentes e tenham grande capacidade de liderança, não conseguem a longo prazo vencer a inércia das nossas instituições. Antes de começar a realizar mudanças, a equipe de Animação e Governo precisa se fortalecer internamente. Há que investir um tempo razoável para se conhecer melhor, refletir e rezar juntos(as), fortalecer os vínculos interpessoais, polir arestas referentes a idéias e a comportamentos. Assim, forma-se um grupo com autoridade suficiente para liderar a mudança. Estabelece-se a motivação necessária para que se trabalhe junto, como um time. A coalização forte é o suporte da mudança consistente.

Kotter observa que antes de 1990, "os problemas eram menores, menos complexos, menos emocionais e menos numerosos. Uma pessoa inteligente, lançando mão da abordagem de discussão individual, poderia tomar decisões corretas e implementá-las". Hoje, com a crescente complexidade da sociedade e a rapidez das mudanças, "uma pessoa, mesmo que alguém incrivelmente capacitado, não poderia mais controlar tão bem um fluxo de decisões como esse" (p. 53). E ainda há institutos que ingenuamente delegam toda a gestão da mudança a um religioso(a) ou a um leigo, como "salvadores da pátria". O resultado será o fracasso. Outra dificuldade diz respeito a lidar com pessoas que apresentam perfil avesso ao trabalho em conjunto. E isso acontece em todos os ambientes humanos, religiosos ou não. Kotter alerta: "existem dois tipos de pessoas que devem ser evitadas a qualquer custo na elaboração de uma coalizão (..): aqueles cujos egos podem encher uma sala sem deixar espaço

para ninguém mais e as chamadas *serpentes*, pessoas que geram a falta de confiança capaz de destruir qualquer trabalho em equipe" (p. 59).

Somente um time forte, com alto grau de abertura e de confiança, será capaz de conduzir processos de mudanças profundas. Pois hoje as tomadas de decisões fundamentam-se em questões maiores, mais complexas e com maior teor emocional. Ocorrem com mais rapidez e num ambiente de mais incertezas, exigindo mais sacrifícios por parte dos que as implementam. Esta nova forma de conduzir o processo decisório "é necessário porque ninguém sozinho possui as informações apropriadas para as decisões importantes nem o tempo e credibilidade necessárias para convencer um grande número de pessoas a implementarem essas decisões" (p. 56). Ela será conduzida por uma coalizão forte, que age como equipe. Naturalmente, o(a) Provincial ou Coordenador(a) Geral continua sendo aquele(a) que, inspirado(a) pelo Espírito, corrige a rota quando necessário. Trabalhar em equipe não significa falta de orientação.

À medida que temos que lidar com questões não somente religiosas, mas também civis, como a gestão de instituições filantrópicas de prestação de serviços (escolas, hospitais, creches e asilos), faz-se necessário contar com o apoio de alguns leigos. Compete à equipe de Animação e Governo decidir como e em qual intensidade eles participam do "time principal" que conduz os processos de mudança. Fundamental nesta etapa é criar uma equipe coesa, baseada na confiança e em objetivos comuns. O Evangelho nos recorda que uma casa dividida em si mesma não pode subsistir.

3º passo: desenvolver uma visão e as estratégias correspondentes

Para nós, consagrados, talvez esta seja a etapa mais custosa. Enquanto pessoas de fé e de esperança, sonhamos o sonho de Deus. Como somos homens e mulheres moldados para a generosidade da ação, lançamo-nos às tarefas pastorais e institucionais com disponibilidade e entusiasmo. Mas, é difícil pensar com calma e a longo prazo, para fazer a ponte entre o nível das esperanças e o das realizações! Este momento precioso faz a ligação entre o sonho e a ação. Conceber uma visão eficaz significa pensar e formular a seguinte questão: *o que queremos ser e realizar num prazo relativamente longo* (por exemplo, sete ou dez anos)? *Que projeto visível de Vida e missão vamos construir?* A partir de Kotter (p. 72), podemos identificar seis características-chave da Visão.

Imaginável: ela apresenta um quadro de como pode ser o futuro,

Desejável: atrai os interesses do grupo,

Viável: abrange objetivos realistas e atingíveis,

Concentrada: é clara o suficiente para fornecer uma diretriz no processo decisório,

Flexível: permite iniciativas individuais e mudança de rumo, à medida que se caminha,

Comunicável: é compreensível; pode ser explicada facilmente em poucos minutos.

Embora a Equipe de Animação e Governo seja a responsável pela Visão, esta não será um produto exclusivo dos que estão no poder. Por que? A menos que seja um grupo excepcionalmente santo e profético, nas atuais circunstâncias a tendência de um conselho provincial é voltar-se para a sobrevivência imediata da instituição. É o sentimento de

ser obrigado a manter tudo, mesmo que ela esteja morrendo junto com suas obras centenárias, impede de gerar uma visão de futuro, de sair rumo à terra prometida. Por isso, muitas vezes as intuições que irão gerar uma nova visão vêm da base, sobretudo das pessoas que estão vivendo de forma mais radical sua consagração e missão. Elas podem sinalizar para o grupo que uma outra forma de viver é viável e desejável. Cabe à equipe de Animação e Governo captar estas intuições, advindas de pessoas e de pequenos grupos, e assumi-las como comunitárias e institucionais.

Nas empresas, a visão é gestada num restrito grupo de diretores e executivos. Na Vida Religiosa, a visão inspirada no profetismo contempla muitas instâncias participativas, como assembleias, capítulos, encontros e reflexões comunitárias. E, neste momento, as minorias proféticas têm uma grande importância. Posteriormente, a Equipe de Animação e Governo formulará a Visão e as estratégias correspondentes. Ela será o fruto de um longo (mas não longo demais, senão se perde o senso de urgência) e às vezes conflituoso processo de discernimento comunitário. Aliás, o discernimento se exerce muito mais na formulação da Visão, do que nas pequenas decisões. Quanto às estratégias, elas fornecem a lógica e o detalhamento para mostrar como uma visão vai ser viabilizada. Por vezes, a colaboração de leigos com competência técnica em planejamento, é necessária para elaborar as estratégias.

4º passo: Comunicar a Visão da mudança

Qualquer mudança gera resistências, pois retira as pessoas de sua "zona de confor-

to". Se é uma proposta com inspiração profética, suscita uma resistência adicional. Muitos se negam, em maior ou menor grau a realizar um processo de conversão com dimensões pessoais, comunitárias e institucionais. Se comparamos qualquer grupo humano com um pão francês longo e fino, chamado *baguete*, há nele no mínimo três sub-grupos. Numa ponta do pão, está a minoria com perspectiva de mudança. A grande parte do pão representa uma imensa maioria, que pode seguir a minoria profética num ritmo mais lento, ou se tornar um grupo amorfo, com muito miolo mole (nos dois sentidos), ou ainda se alinhar com a outra ponta do pão, a minoria conservadora. Podemos dizer também que cada um de nós tem dentro de si o pão inteiro: a ponta aberta à mudança positiva, o imenso meio que é conduzido por outros e a ponta extrema, resistente e reacionária.

O poder de um sonho mobilizador, traduzido numa Visão de futuro, vem à tona quando a maioria das pessoas envolvidas nele tem um entendimento comum de seus objetivos e de sua direção. Mais ainda: quando começam a se sentir tocadas pela proposta, a ponto de desejar fazer parte dela. Imaginemos um processo de mudança acontecendo num Instituto, numa Igreja local, ou em iniciativas intercongregacionais. O grupo que a geriu irá comunicar para o maior número possível de pessoas o que vai acontecer e como será o caminho a ser percorrido. E, sobretudo, buscará tocar o coração e a mente delas, para que se abram à nova proposta e a assumam como sua.

Na sociedade midiática, diz-se que a linguagem e a forma de comunicação se tornaram mais importante do que o conteúdo. Ou, em alguns casos, é o próprio conteú-

do. Sem chegar a este extremo, precisamos desenvolver, cada vez mais e melhor, estratégias de comunicação eficazes, que toquem as pessoas. Vamos nos servir de Kotter (p. 90-100), para dar algumas dicas de um bom processo de comunicação.

**Simplicidade:* evite as barreiras de muitos termos técnicos, e traduza as coisas de forma compreensível.

**Uso de analogias e exemplos:* recorra a metáforas e imagens, que valem mais do que mil palavras.

**Simultaneidade e Repetição:* a mensagem chega às pessoas quando é repetida, muitas vezes, e de diferentes modos. Por exemplo: em assembleias, reuniões de pequenos grupos, circulares, cartazes, folders, celebrações, visitas, conversas informais.

**Força do gesto:* os coordenadores do processo de mudança testemunhem através de seus gestos aquilo que anunciam.

**Mão dupla:* Abra espaços de diálogo, para as pessoas colocarem dúvidas, perguntas e questionamentos. Este momento é importante para acolher as críticas consistentes e rebater as inconseqüentes.

Vale recordar o trabalho realizado no Congresso Internacional da Vida Consagrada, sob o tema *Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*. O Congresso oferece inspirações preciosas para se elaborar uma Visão da mudança. E sobretudo, é muito feliz na comunicação, sobretudo com a analogia do *samaritano* e da *samaritana*. A gente pode se esquecer dos conceitos de seus documentos, mas esta imagem vai permanecer um bom tempo.

5º Passo: Empoderar as bases em vista de ações abrangentes

Não basta informar as pessoas e dialogar

com elas, criando um consenso a respeito das mudanças a serem realizadas. É necessário neste momento mudar algumas estruturas e alterar procedimentos, de forma a conferir maior poder às bases, para que elas realizem as mudanças e exercitem uma autonomia interdependente. Tal ação foi denominada *empoderamento*, neologismo vindo do inglês "empowerment". De que *base* estamos falando? Em primeiro lugar, dos religiosos(as) que constituem uma província ou congregação, e não exercem cargos de poder. Não são animadores de comunidade, nem diretores de obras (com creches, escolas e hospitais), nem membros da equipe de Animação e Governo. Mas também se incluem os leigos que trabalham nas obras e não estão em funções diretivas.

Na Vida Religiosa Tradicional, a estrutura de poder repete e reforça o clericalismo e a estrutura fortemente verticalizada da Igreja. Em cada nível reinam os "Superiores locais" e os "Superiores maiores". Ora, a mudança que está em curso, desde a renovação do Vaticano II, consiste em conferir maior responsabilidade e autonomia às comunidades religiosas locais. Em vez de um horário único e um ritmo de vida uniforme, cada comunidade faz seu projeto comunitário e cria seu ritmo apropriado de oração, trabalho, pastoral e convivência fraterna. Algumas gerem seus recursos, outras ao menos elaboram e controlam seu orçamento. Os grandes processos de avaliação e mudança são refletidos e rezados nas comunidades. Pratica-se com frequência a consulta, antes de se tomar decisões.

Uma Visão que sinaliza "para onde vamos", aliando a intervenção da Autoridade com o empoderamento das bases, a contribuição próprio dos religiosos(as) com

a dos leigos, é um antídoto contra os *tsunamis* do autoritarismo e da anarquia. O empoderamento deve chegar também aos leigos que trabalham conosco. Todas as instituições formais criam e sustentam estruturas de poder, em vista de sua finalidade. Têm hierarquias, ou seja, pessoas que assumem cargos de chefia, em diferentes graus hierárquicos (Por exemplo: presidente -> superintendente -> coordenador -> supervisor -> pessoas da base operacional). Com o tempo, acontecem fenômenos que levam a uma degeneração da organização. O primeiro se chama corporativismo. As pessoas, especialmente as chefias, tendem a orientar a instituição para defender os seus interesses, em detrimento da finalidade mesma da organização. Mas em contrapartida, cria um discurso bonito e convincente, para cooptar e manipular a maioria. O segundo fenômeno é a concentração da informação. As chefias retêm para si as informações importantes. E, no mundo moderno, quem tem mais informações significativas, detém maior poder. A base desconhece a direção dos movimentos da organização e participa pouco nas tomadas de decisão importantes. Recebe as ordens de maneira pronta e acabada. O terceiro fenômeno se chama burocracia (do francês: burô, que significa escritório), ou seja, o inchaço de estruturas intermediárias, o excesso de procedimentos formais, tais como relatórios, comunicados, formulários, além de reuniões intermináveis e com pouca eficácia.

Ora, burocracia, corporativismo e retenção das informações fazem um feixe, uma corda que lentamente aperta o pescoço das organizações, impedindo que elas respirem o ar fresco que lhes oxigeniza. Para que as mudanças se efetivem, por meio do empo-

deramento, a equipe de Animação e Governo deve:

*Fazer *circular as informações*, de modo que a paixão suscitada pela visão da mudança alcance a base da Vida Religiosa e toque a sensibilidade dos leigos que trabalham conosco,

*Criar *estruturas* compatíveis com a Visão, aumentando o grau de responsabilidade das instâncias locais e tomando as bases efetivamente protagonistas do processo,

*Investir muito em *formação*, que inclui elementos técnicos, de comportamento e de atitudes, para que as pessoas dêem conta das novas responsabilidades que assumirão,

**Enfrentar*, e se for o caso, substituir religiosos e leigos em cargos de chefia, que sabotam os processos de mudança.

6º passo: Realizar conquistas a curto prazo e divulgá-las

Os grupos e organizações que realizam processos de mudança experimentam algo parecido com a "crise no deserto", pela qual passou o Povo de Deus após ter saído da terra da escravidão. Superada a euforia do primeiro momento, as pessoas experimentam o preço da liberdade e da incerteza. Percebem como é custoso assumir certos compromissos baseado somente na esperança. Provam a crueza da realidade, e o sonho parece ainda muito distante. Em contrapartida, crescem as forças de resistência e de oposição. Esquece-se das coisas ruins do passado, que é idealizado: *Que saudades das carnes e das cebolas do Egito! Que sede!* Neste contexto, é fundamental realizar pequenas práticas com sucesso e dar a elas a máxima visibilidade possível. Os gestores da mudança devem ser esper- tos como Moisés, que mostrou a impor-

tância da liberdade, alimentou e saciou o povo com o maná, as codornizes e a água que brotou da rocha.

As pequenas práticas com sucesso estimulam a gestão profética da mudança. Elas fortalecem as pessoas que começam a desanimar, ao mostrar que o sacrifício vale a pena. Para os que estão à frente do processo, essas pequenas vitórias oferecem uma oportunidade de relaxar da tensão da batalha, celebrar com alegria o caminho percorrido e se alimentar na esperanças. Elas também servem para testar a Visão da mudança, nas condições reais de sua realização, e ocasionar ajustes nas estratégias e correções de rota. Por fim, desencoraja os cínicos e os resistentes, que atuam em causa própria e retiram munição da oposição. "Quanto mais céticos e grupos de resistência houver, mais importantes são as vitórias a curto prazo" (J. Kotter, op. cit, 125). E ainda podem transformar pessoas neutras em aliadas, e aliadas relutantes em colaboradores ativos.

7º passo: consolidar ganhos e impulsionar mais mudanças

"Sempre que você para antes do trabalho estar concluído, o impulso decisivo pode ser perdido e o retrocesso pode surgir a seguir. Até que as práticas de mudança atinjam um novo equilíbrio e tenham sido absorvidas pela cultura (da organização), elas podem ser muito frágeis. Três anos de trabalho podem se desfazer com uma rapidez impressionante" (Kotter, p. 135).

A Igreja é uma instituição de 2000 anos, que cultiva o amor à tradição. Nossas congregações são centenárias. Os religiosos(as) trabalham toda a vida e só se retiram da ativa quando a saúde não lhes permite continuar.

Daí que a concepção do tempo é muito diferente das outras organizações. O passado tem um grande peso sobre o presente, há uma desconfiança natural diante das “novidades” e as mudanças profundas precisam de mais tempo para penetrar, até se tornar algo que faça parte de sua identidade.

As instituições religiosas são sistemas altamente interdependentes. Basta ver que a Formação inicial tem nexos com a qualidade da vida das comunidades e estas exercem um impacto nas obras, que por sinal influenciam o projeto de vida de uma província. Em alguns institutos, a ligação da comunidade religiosa com uma obra, como hospital ou escola é tão grande, a ponto das pessoas morarem dentro do lugar onde trabalham e atuam. Uma simples porta ou uma escada separam o espaço comunitário do espaço pastoral. Muitas congregações conduzem suas obras de forma parecida com pequenas empresas familiares. Kotter alerta que “mudar cenários bastante interdependentes é muito difícil porque, definitivamente, você tem de mudar quase tudo. Por causa de todas as interconexões, você quase nunca pode mover apenas um elemento por si só” (p. 138). E mover simultaneamente muitos elementos é um processo difícil e demorado, que só pode ser conseguido com a participação ativa de muitas pessoas.

Realizar mudanças na vida de uma congregação, na linha da refundação ou da revitalização do carisma, é como fazer uma reforma e ampliação numa casa velha. Por mais que conheça sua realidade, ninguém tem a noção geral de todas as mudanças a realizar, no começo. De um lado, é preciso respeitar os fundamentos, as grandes pilastras que recebemos de herança do pas-

sado, bem como as pessoas que são um patrimônio vivo. De outro lado, há muita coisa envelhecida, enfraquecida e decadente que não aparece à primeira vista. Resultado: a equipe que está à frente dos processos vai realizar mais mudanças do que imaginou no princípio, o que exigirá mais paciência, perseverança, tempo e energia do que se imaginava. Isso é muito comum em pessoas que, antes de se tornarem provinciais ou membros do conselho, pensam que as coisas se resolverão facilmente e em poucos meses. Depois, percebem que a organização é complexa, ou seja, tem muitas dobras.

Levar os processos de mudança à frente, nesta etapa, exige conduzir simultaneamente muitas mudanças em diversas áreas. Para isso, a equipe de animação e governo vai se concentrar nas tarefas gerais de liderança, animando e sustentando a mística do grupo, e pensando a longo prazo. E delegará várias iniciativas, tanto de natureza estratégica quanto operacional, para comissões e equipes, incluindo também os leigos, naquilo que lhes diz respeito.

8º passo: Consolidar a nova cultura e preparar lideranças

Alguns artigos recentes sobre os quarenta anos do Vaticano II têm pontuado, de diferentes maneiras, que o modelo eclesiológico proposto pelo Concílio não se consolidou porque não houve tempo suficiente para amadurecer uma nova forma de se organizar, de se compreender e de estabelecer relações com a sociedade. Ou seja, a cultura organizacional herdada de Trento e do Vaticano I, resistiu às mudanças e voltou a se impor. Por cultura organizacional se entende aqui um complexo sistema de elaboração de significa-

dos, valores compartilhados e normas de comportamento.

Nas comunidades católicas, há uma tensão produtiva entre Tradição e Sinais dos Tempos. A Tradição, entendida como memória coletiva e seletiva da comunidade eclesial, é como um grande rio que acumula, mistura e reconfigura águas de várias nascentes e afluentes. Como um grande rio, a Tradição significa continuidade e ruptura, pois as águas de um rio, vários quilômetros abaixo de sua nascente, são as mesmas e ao mesmo tempo são outras. Os Sinais dos Tempos (expressão que ganhou expressão com João XXIII e o documento conciliar *Gaudium et Spes*), significam aqueles desafios e oportunidades significativas que advêm das sociedades onde a Igreja está inserida, interpelando-a a atualizar sua tradição (com t minúsculo), com novas águas. Usando outra imagem, diríamos que o mais comum na Igreja é que a gestão da mudança leve a enxertar novas práticas e valores-chaves em velhas raízes, eliminando as partes inconsistentes ou que já perderam a vida.

Nas congregações religiosas também acontece assim. As mudanças vão se sucedendo, até que valores-chaves vão se consolidando, a ponto de começar a fazer parte da cultura do grupo. Certa vez, fui assessorar uma congregação brasileira e fiquei bem impressionado como as Irmãs tinham enraizado na prática e no coração o valor da opção pelos pobres e da participação das pessoas nos seus processos. Mesmo que a orientação da Igreja institucional vá na direção oposta, isso não será retirado facilmente da cultura da congregação. No entanto, é importante "vigiar e orar", para consolidar o caminho trilhado.

Por fim, à medida que se vai configurando algo novo, é preciso preparar outras lideranças, que serão fundamentais para a continuidade e a superação dos atuais processos.

Conclusões abertas

Endereço do autor:

Rua Aimorés 2480, 2º andar – Lurdes
30140-072 Belo Horizonte – MG

Fone: (31)3330-9000

E-mail: amurad@ubee-marista.com.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Como se caracteriza o profetismo da Vida Religiosa hoje?
- 2- Como conseguir articular nas nossas comunidades profetismo individual e institucional?
- 3- Você crê que sua comunidade (província) tem condições de assumir um processo de gestão de mudanças inspirado no profetismo? Porque?

Religião e mercado na pós-modernidade: desafios para a Igreja e Vida Religiosa

MARCELLO SILVA

I – Introdução

Do mundo mitológico e religioso, onde Deus explicava e justificava todas as coisas (Paradigma Pré-moderno), fomos para o mundo do racionalismo e do secularismo (Paradigma Moderno), onde a razão passou a ocupar e explicar todas as instâncias e necessidades humanas. A razão aparece com a pretensão de ser o princípio e a base de todo saber de uma nova criatura postulada sem seu Criador.

No lugar do Criador se instaura uma nova luz: a da *ratio moderna*. Esta haveria de guiar o sujeito na construção das possibilidades de um mundo melhor. É a chegada das idéias de progresso e da concepção de evolução de todas as coisas: o fim do mito cristão da criação.

Esta nova forma de ser do homem também não respondeu aos anseios humanos... Vivemos hoje uma espécie de retorno à Pré-modernidade, com ranços de Modernidade, compondo uma terceira fase da era cristã (acreditamos ser de transição) que é a Pós-modernidade. Nela a palavra de ordem "pluralismo" surge como o grande elo norteador das inúmeras formas de ser humano. Uma nova concepção de sujeito: o pós-moderno.

O pós-moderno é composto por inúmeras facetas. Na Pós-modernidade não podemos falar de identidade, como na Moder-

nidade, mas de identidades coexistentes. O antigo, o medieval e o moderno se agrupam compondo os novos sujeitos.

Uma das novidades dessa era é o retorno do sagrado negado e recalcado na colocação social do mosaico moderno. Porém, como todo retorno não volta da mesma forma, assim também se deu com a experiência religiosa contemporânea.

Por exemplo, hoje nos deparamos com a volta do mundo religioso, porém desprovido de qualquer instituição. É uma espécie de Deus sem rosto, de religião sem igreja, de criatura sem Criador e de um eu sem um outro. É deste chão que brotam as mais diversas experiências de *self service religioso*.

Na Pós-modernidade não se tem mais critérios de legitimidade do sagrado, cada sujeito organiza e busca os seus. Isso, de acordo com a conveniência de cada um. A ascensão da Pós-modernidade está correlacionada com a emergência da economia de mercado, com o mundo religioso e com a cultura do consumismo¹.

É neste breve mosaico pós-moderno que desejamos situar o tema em questão, indo avante em nossa reflexão, na tentativa de aprofundá-la, abstraindo o que ela pode ter de mais iluminador no diálogo com as *novas gerações da Vida Religiosa*.

¹ Cf. PONTES, José Adilson. A Vida Consagrada no Contexto da Pós-modernidade. Pro manuscripto. Belo Horizonte, ISTA, 2002, p. 10.

II – Aprofundando o tema em questão

Hoje vivemos um fenômeno cada vez mais crescente: o da pluralidade religiosa, juntamente com o retorno de inúmeros ícones religiosos antigos e medievais, como sinalizamos acima. A sensação que temos é a de que o Ocidente tivesse ido dormir sob o canto da razão iluminista, carregada de esperanças e promessas de um “novo dia”. Ao acordar, se depara com uma dura realidade: o sonho não se cumpriu!

O mundo não se tornou melhor pela força da razão, ao contrário: parece ter piorado. Basta lembrar as duas Guerras Mundiais e a chaga do Nazismo. Essas foram algumas formas encarnadas dos projetos da razão moderna levadas à última instância com a forma de governar o Estado Moderno.

Ao se frustrar com este canto, o Ocidente acorda com a sensação de ter sido enganado, traído. O sonho virou pesadelo. O sol moderno não nasceu. Morreu antes mesmo da lua se pôr... E o dia continuou cinza, carregado de “previsões negativas” – elas ainda não mudaram. O tempo ainda está nublado, com mudanças jamais experimentadas antes: grandes tempestades de crises chegam e vão a todo momento. Enquanto isso, também o Mundo Oriental sofre com as tempestades decorrentes do Ocidente. Não há previsões de mudanças estáveis, apenas tentativas de compreensão para propor novas estratégias.

Com esta linguagem parabólica, podemos fazer uma “exegese” de nosso tema, na certeza de que os símbolos de nossa cultura ajudarão na compreensão do mesmo. Algumas questões se instauram em nosso diálogo: o que tem a ver religião com mercado? Como compreendê-los à luz da Pré-modernidade, Modernidade e Pós-modernidade? Quais os efeitos mais sentidos em nossas comunidades religiosas e na Igreja em geral?

1. A passagem do Mundo Moderno ao Mundo Pós-moderno

A mudança de paradigma do moderno para o pós-moderno tem como momento histórico marcante os confrontos que as guerras do século passado demarcaram. “O caos global da Guerra (1914-1918) tornou evidente que os principais valores da Modernidade estavam em crise: a absolutização moderna da razão, do progresso, da nação e da indústria. A total crença na razão, no progresso, no nacionalismo, no capitalismo e no socialismo fracassara. A Europa estava pagando um preço alto com o fascismo, o nazismo, e o comunismo...”²

A Modernidade pretendia se fazer presente de forma irrefreável na história da evolução humana. Com as principais barbáries do século passado, a racionalidade moderna posta em prática tornava irrefutáveis as críticas ao seu paradigma. Estava nascendo um novo modelo marcado pela globalidade, porém polissêmico e de ambições bem menos pretensiosas do que as das metanarrativas³ do discurso moderno.

² TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo S. Lopes (org.). Teologia na Pós-Modernidade – abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo, Paulinas 2003, p. 115.

³ Por metanarrativas nos referimos ao discurso moderno dos conceitos universais do tipo liberdade, igualdade, fraternidade, justiça social, princípio de democracia, Estado Moderno, dentre outros. Alguns cientistas nos falam que hoje esses discursos de praça não atraem mais ninguém.

Uma provocação que o fim dos discursos das metanarrativas nos deixa, enquanto cristãos-católicos e de congregações religiosas, é a seguinte: que tipo de discurso tem sido o nosso enquanto instituição? Como abrir mão das metanarrativas sem, contudo, deixar de lado o seguimento a Jesus Cristo que é, para dentro de nossas instituições, uma verdade absoluta e universal, ou seja, para todo cristão?

2. A Modernidade e o cristianismo

Como nos recorda Cleto Caliman, "a Modernidade como fenômeno cultural, complexo e abrangente colocou em crise o cristianismo como fundamento do mundo ocidental"⁴. Em torno do sujeito moderno e sua razão construíram-se novos fundamentos. O mundo cristão ocidental se tornou desnecessário à sustentação do mundo e suas verdades.

Destaquemos alguns aspectos processuais da Modernidade tais como: a especialização do saber; a afirmação de "grandes sistemas ideológicos", a urbanização crescente do ocidente e o fenômeno da secularização ocidental frente ao mundo cristão⁵.

3. A Pós-modernidade e a Igreja

Marcada pelo consumo e pela globalização, a Pós-modernidade, nos últimos anos, tem se revelado cada dia mais, um projeto econômico que preza pela diversidade de cul-

tura, pela pluralidade de forças. Tudo isso em vista de uma universalização e massificação da economia de mercado pautada na lei da oferta e da procura. Daí, o único princípio que a rege é o do lucro.

Olhando para a Igreja (católica) na Pós-modernidade percebemos que mais uma vez ela se encontra atrasada na história. Todavia, sua incapacidade de dialogar com a Pós-modernidade, em algumas instâncias, tem conduzido-a a uma adesão acrítica junto dessa cultura plural, assimilando, assim, o que a Pós-Modernidade tem de pior: a ideologia do mercado e do consumismo. A religião virou um dos investimentos mais rentáveis do capital de mercado.

O desejo desse diálogo, hoje, não é tanto para que não se abra ao novo (embora em alguns aspectos sim), mas para discernir quais adesões devem ser feitas a fim de que a Igreja seja fiel ao momento em que vivemos, não se descaracterizando naquilo que lhe é essencial.

Ao invés de dialogar, a Igreja assimilou, em sua visibilidade, valores que lhe estão custando um preço muito alto: a sua identidade. "Vivemos um momento de crise no sentido da vida. As pessoas não usam mais os parâmetros referenciais e critérios que usavam para julgar a coerência de suas práticas"⁶.

Instalou-se uma crise na forma do sujeito pensar, agir e valorizar o real. Este não tem mais um valor objetivo para cada

O que ainda tem atraído na Pós-modernidade vai sempre na linha das pequenas narrativas de grupos também pequenos, dos quais os mais expressivos têm sido as infinitas ONGS. Os pequenos discursos tocam mais o pós-moderno, pois vão de encontro, com sua subjetividade e individualidade, às necessidades mais urgentes da vida global do ser humano.

⁴ CALIMAN, Cleto. Temas teológicos para a Formação. Apostilha da Pós graduação em Formação e Liderança Religiosa. Belo Horizonte, ISTA, 2004, p. 5.

⁵ Cf. Ibidem, p. 6.

⁶ PONTES, José Adilson. A Vida Consagrada no Contexto da Pós-modernidade. Pro manuscrito. Belo Horizonte, ISTA, 2002, p. 10.

grupo. Quem lhe confere valor é sempre o império do sujeito subjetivista⁷. A objetividade da razão moderna é suplantada pelo subjetivismo dos sentidos pós-modernos. Não se pensa sobre as coisas, apenas se faz necessário senti-las. Daí, cada um compõe a sua unidade de valor, de acordo com os seus interesses.

Nem o *racionalismo* nem, tão pouco, o *emocionalismo* estão dando conta de solucionar os problemas da vida humana, tais como as *intolerâncias culturais, religiosas e étnicas; a questão das guerras, da destruição da natureza e dos grandes bolsões de miséria, da fome e das doenças da humanidade*, tais como o câncer, a aids e outros.

4. A presença da alteridade na Pós-modernidade

A sociedade atual perdeu as perspectivas de futuro. A economia mundial, cada dia mais, está desfazendo a soberania de cada povo, com a bandeira da globalização econômica travestida da democracia de mercado, onde todos têm os mesmos direitos de competir.

A crise ética, moral e social parece não ter resolução. Cada dia mais presenciamos na sociedade sinais de barbárie contra o ser humano. De repente, um jovem de classe média põe fogo em um índio e se justifica dizendo que "pensava ser (o índio) um mendigo de rua". Esse e outros exemplos de atentado à pessoa revelam o valor que uma vida tem para o próprio homem. O outro, à margem da sociedade, não é seu semelhante, mas sim algo que não lhe diz nada – os valores

éticos e morais perderam força na manutenção da unidade social.

Antes, ao menos a Modernidade tinha a pretensão de incluir o pobre no seu sistema econômico como trabalhador. O neoliberalismo, como forma mais "evoluída" do capitalismo, não tem sequer a pretensão de fazer algo para incluí-lo em seu sistema, ao contrário, o menos favorecido de hoje, amanhã será menos ainda: estará entregue à exclusão social, à fome, à morte... E isto não é mais do seu interesse⁸.

O sistema neo-liberal não se preocupa com as desigualdades sociais. O pobre, o desempregado, é até um "mal necessário" para manter o sistema fortalecido. A massa sobrando, neste momento histórico, é projetada como mecanismo de controle do sistema frente aos insatisfeitos com a relação imposta pelo mercado.

Para um trabalhador que quiser sair do emprego, milhares de desempregados estão na fila de espera, ainda que seja por um pequeno salário – é desta lógica perversa que se alimenta o mercado de trabalho em nossos dias. Enfim, com a Pós-modernidade, surge a consciência do indivíduo narcísico, antropocentrista, com enormes dificuldades de assumir o *outro* como parte integrante e necessária à sua realização.

5. A experiência do sagrado na Modernidade e na Pós-modernidade

Na Modernidade a razão se tornou quase que uma espécie de nova religião. Sem pedir licença, ela foi entrando e exorcizando qualquer vestígio da religião no espaço público e social. A "religião de tradição" deu

⁷ Cf. *Ibidem*, p. 9.

⁸ CALIMAN, *op. cit.*, p. 7-8.

lugar à "religião da razão". Este foi o grande ponto de partida de toda instituição que pretendia sobreviver junto à Modernidade.

"A religião dentro dos limites da razão é justamente a religião da burguesia do iluminismo, relegada à vida privada das pessoas... Ao limite, a Modernidade, na voz de alguns de seus mais ilustres promotores, esperava o fim da religião"⁹. Ao contrário das previsões do "fim da religião" em meados do século passado, o fenômeno religioso, na virada do milênio e nos tempos atuais, renasce com toda força em meio às cinzas da Modernidade.

Expressões religiosas passadas e exorcizadas da modernidade, voltaram com toda a força. Força esta que nos aponta para um outro extremo da razão: a emoção, o sentimento – o que revela a veracidade da *teoria do pêndulo*, ou seja, a teoria de que, quando vamos para um extremo, a busca do equilíbrio nos leva para o outro extremo... até que se chegue ao equilíbrio.

A era das bruxas, duendes, fadas, anjos e demônios medievais foi redescoberta. Com isso voltaram também os seguimentos fundamentalistas. Parece que as cruzadas estão de volta, nos modelos de hoje.

Se a Modernidade buscou desencantar o mundo de suas fábulas, mitos, símbolos, enfim, de suas expressões transcendentais coletivas, no momento posterior seria quase que natural que tudo voltasse com uma força de reivindicação do próprio lugar muito mais forte. Inclusive de forma regredida ao seu tempo, quando foi negada¹⁰.

Em síntese, a religião está em voga. Voltou de novo do espaço privado para o público. Contudo, o seu retorno à esfera pública veio destituída da força da instituição religiosa que detinha o sagrado.

Como já dissemos, a religião pós-moderna é uma religião sem igreja e sem pátria. Daí um católico poder acreditar também no espiritismo, na Nova Era. Enfim, o ser humano re-encantado pelo sagrado, tende a buscar na religião elementos que lhe interessam. Porém, neste retorno ele não pensa em criar convicções, ter a formação doutrinária dos princípios inegociáveis de cada grupo religioso a que participa.

De repente é como se a experiência religiosa fosse aos poucos também se globalizando, perdendo sua soberania e vínculos comunitários. Tais fatores são típicos do contemporâneo fragmentado em sua identidade, movido pelo subjetivismo e pelo individualismo, ou seja, pelo mundo pragmático das coisas.

É como se a religião tivesse também se tomado mais um instrumento para a aquisição de seus sonhos e desejos. Neste sentido, o mundo religioso virou uma espécie de *lâmpada mágica*, de onde se retira o que se deseja.

Portanto, as religiões do mundo contemporâneo chegam via Estado democrático, pluralismo cultural e mundo globalizado. Neste há lugar para todos. Cada um deve buscar se sobressair mais que o outro, para "vender o seu peixe" – aqui entendemos a disputa por territórios sagra-

⁹ Ibidem, p. 8.

¹⁰ É bom lembrarmos que na Modernidade uma realidade será plausível se for explicada e comprovada racionalmente. O que não se explica, não se entende. Se não se entende racionalmente, a mesma não terá status existencial reconhecido, cairá no descrédito. Daí ela ficar relegada à ordem da cultura folclórica e do privado.

dos no mundo cultural e social: espécie de novas *cruzadas* em busca de expansão de domínio de cada denominação. Passamos, então, do Estado católico, onde reinava a *política do padroado*, para um Estado democrático moderno, onde qualquer um pode fundar uma igreja.

6. Características do pós-moderno

O contemporâneo traz em sua cultura traços fortes do individualismo, do subjetivismo, do egoísmo, enfim, do indivíduo marcado pelo narcisismo e pelo hedonismo. Traços estes tão latentes no jeito de ser do ser humano. Este parece ter rompido com a inteireza da vida, do saber que outrora era enciclopédico para um saber fragmentado, especializado, onde o *corpo humano* foi subdividido em inúmeras partes. Cada área do saber assumiu aquilo que lhe competia. Os resultados deste ser subdividido nós mesmos experimentamos em nosso tempo¹¹.

Especificamente, surge entre 70 e 90 a era da crise, da crítica da razão. A impressão que se tem é a de termos sido lesados por alguém que nos propôs uma troca com algo que não funcionava mais tão bem (paradigma teocêntrico) por um instrumento novo (paradigma antropocêntrico). Um tempo depois se constatou que também o objeto trocado não correspondeu ao esperado. Veio a frustração e a desorientação, pois na troca muito foi deixado para trás. O que fazer?

Diante da tomada de consciência dos exageros modernos, o contemporâneo parece estar vivendo, em alguns aspectos, o outro extremo da razão moderna: o emocionalismo.

O tecido social humano está sendo consumido pelo vírus do mercado livre com sua forma mais perversa em andamento nos quatro cantos do mundo: a globalização econômica, onde a ordem da casa é tirar vantagem em tudo e de todos. Ganhar sempre, mesmo que o outro tenha que ser sacrificado em nome do bem-estar pessoal, do mercado.

Destarte, esta lógica perversa vai, aos poucos, entrando na vida cotidiana e nas relações interpessoais... até chegar ao mundo do sagrado como um novo espaço mercadológico. Neste sentido, não há campo mais promissor do que o do mercado econômico.

Aprofundemos um pouco mais este tema.

7. Religião e Mercado

7.1. Um traço forte da Pós Modernidade

Fizemos este longo caminho até aqui na tentativa de compreendermos melhor as raízes destes dois mundos, aparentemente tão opostos.

Num mundo caracterizado pelas buscas individuais, a *religião* acaba se tornando um elemento de suma importância para a construção das identidades fragmentadas em múltiplos seres, espaços vastos e, por vezes, desconexos. Daí, toda promessa de encontro e de busca de sentido se apresentarem como importantes.

Cleto Caliman nos diz que "a construção da identidade, antes marcada pela adequação dos indivíduos a uma instituição, agora se torna uma questão privada. É o próprio indivíduo que vai construindo a

¹¹ Cf. CALIMAN, Cleto. Temas teológicos para a Formação. Apostila da Pós-graduação em Formação e Liderança Religiosa. Belo Horizonte, ISTA, 2004, p. 3.

sua identidade a partir de vários 'materiais' que encontra no grande supermercado do mundo complexo e globalizado. A religião se insere nesse esforço individual, de caráter estético, para tecer a própria imagem"¹².

Percebemos, com o fenômeno da secularização, que o enfraquecimento das instituições Família, Estado, Escola e Igreja é um fato cada vez mais evidente. A autoridade destes espaços formativos da identidade humana tem diminuído cada vez mais. Suas falas não são escutadas. Se são escutadas, não são internalizadas como, por exemplo, o discurso da Igreja. Roma fala, emite documentos sobre diversos temas, principalmente da moral cristã, mas poucos são, ainda, os adeptos de seus pronunciamentos.

7.2. A relação da religião de mercado com o outro

Constatamos, no campo religioso, que o fenômeno de enfraquecimento das instituições religiosas se dá ao mesmo tempo em que o mundo religioso tem sido buscado como lugar de *encontro*, de supressão de necessidades pessoais. Este encontro é destituído da alteridade, da dimensão social e relacional. Ainda que se encontre o outro em grandes liturgias, ele é sempre um estranho, um anônimo. Nesta busca pelo transcendente não há lugar para o coletivo.

Como Cleto nos recorda acima, estes traços do pós-moderno religioso se alimentam dos desafios do mundo globalizado. Neste mundo a religião é apenas mais um elemento de consumo pessoal. Nele o trans-

cedente se torna um valor instrumentalizado, não substantivo. Hoje, a Filosofia nos ajuda a compreender que "o sagrado se emancipa da religião e transita livremente pelas fendas da sociedade pós-moderna fragmentada... A religião, na prática, se transforma em mero reforço ao individualismo... Nela o sagrado é o próprio indivíduo e sua escolha"¹³.

Esta prática religiosa pós-moderna, que cultiva o *si-mesmo*, vai de encontro a todas as promessas de benefícios pessoais, porque reforça a busca desenfreada da felicidade narcísica e imediatista em detrimento da responsabilidade pelo outro.

A solidariedade, o amor ao próximo, a busca da justiça e do bem comum estão relegados, neste momento, a um segundo e terceiro planos. O outro e a sua dignidade vão caindo no esquecimento adormecido da história.

O provérbio "cada um por si, Deus por todos" revela bem o que aqui estamos falando. Há um princípio de falsa democracia, para que os mais fortes ganhem o espaço que lhes interessa. Esta lógica de mercado está passando como um rolo compressor sobre o que ainda existe de valor humano, despertando e alimentando cada vez mais uma cultura do narcisismo, como bem nos recorda Lash.

A cultura pós-moderna é de cunho exclusivamente urbanista. Sua base está na polis, não no mundo rural, embora este sofra, via meios de comunicação e outros, interferências cada vez mais diretas da cultura do consumismo, do descartável e do supérfluo.

¹² Ibidem, p.9.

¹³ Ibidem, p.10-11.

III. Os desafios para a missão da Igreja e da VR neste mundo pós-moderno

Tendo visto até aqui o contexto em que o indivíduo pós-moderno vive, e suas resultantes, podemos perceber que, enquanto instituição, a Igreja é histórica, condicionada a cada tempo, aos avanços e retrocessos humanos. Contudo, assumindo a sua baliza e papel crísticos que têm como base a prática da justiça, da caridade (amor dativo) e da esperança, vividos por Jesus Cristo, devemos nos perguntar: Como a Igreja tem mantido esta lucidez, estas verdades no momento presente, tendo a sua frente estes desafios? Que alternativas ela tem oferecido para construir uma sociedade mais parecida com a que Jesus nos ensinou? Contudo, outra pergunta se sobrepõe a esta realidade: A Igreja tem clareza de sua identidade e de sua missão, ou é também mais um personagem social que está em crise de identidade?

Penso que a compreensão vem da realidade, do chão que se tem pisado. Chão cada vez mais demarcado pela economia de mercado que, inclusive, desafia a Igreja na manutenção de sua própria fidelidade a Jesus Cristo e sua Boa Nova.

1. A busca de identidade

Nesta busca de identidade também os grupos religiosos, principalmente os cristãos, encontraram no fenômeno neopentecostal uma saída, uma alternativa de "renovação". Acreditam que se o mundo está assim é porque o demônio, as forças do mal estão agindo com nossa deliberação e por isso estão

tomando o mundo. O mundo precisa ser purificado de novo. Purificação esta que não passa pelo social e nem pelo outro – é o indivíduo que está possuído, por isso as dimensões sociais que ele toca estão reproduzindo esta contaminação.

Se a terra está doente, cada um deve curá-la a partir de sua relação com ela. Não que esta ótica esteja errada em si, o problema é que este indivíduo por si mesmo poderá harmonizar-se com o mundo (uma construção poética) sem a intermediação do outro e dos meios sociais de que faz parte. Esta idéia individualista está muito presente na Filosofia da Nova Era. Tudo passa pela energia positiva e negativa¹⁴. A Nova Era acredita que se as pessoas se reconectarem numa espécie de "corrente positiva" o mundo se reorganizará por si mesmo, num tipo de harmonização.

Olhando um pouco mais para dentro de nossas estruturas, perceberemos que de novo o universo cristão voltou a ser povoado pelas compreensões dicotômicas da vida humana: tudo está muito bem dividido entre o bem e o mal, o sagrado e o profano, Deus e o Diabo... Essas realidades são tão fortes no imaginário religioso, que muitos acreditam que os objetos por si mesmos são dotados de uma força própria do mal. De repente uma garrafa bioenergética, uma música da Nova Era, ou então um instrumento "x" ou "y" está carregado das forças do mal. Tudo precisa ser purificado, exorcizado do maligno.

A cultura do consumo tem transformado até a religião em uma experiência estritamente individualista. Hoje ela é uma das

¹⁴ Cf. OLIVEIRA, P. Ribeiro. Curso Igreja e Sociedade na Formação da VR. Pós-graduação em Formação e Liderança Religiosa. Belo Horizonte, ISTA, 2004.

“instâncias mundiais de definição da legitimidade dos comportamentos e dos valores”¹⁵ humanos. Esta cultura tem gerado crises sociais alarmantes no nosso tempo.

2. Um Deus para cada indivíduo e suas necessidades

Um outro elemento importante a ser observado neste panorama sócio-religioso é que, na Modernidade o grande Deus morreu, tornando-se desnecessário, perdendo a sua força sobre a sociedade e suas ciências. Com a ascensão da Pós-modernidade, ele reivindica o seu retorno, porém não da mesma forma, a partir das instituições religiosas, mas sim, desta vez, a partir dos indivíduos e seus deuses minúsculos.

Já que as grandes instituições e o “Deus todo-Poderoso” não conseguiram salvar o mundo e as pessoas das forças do mal, agora é a era dos indivíduos e dos “pequenos deuses”. Anjos de todos os tipos, gnomos, fadas e os chamados “santos da crise”, ou “santos especializados” vêm em socorro daqueles que estão endividados, sem casa, desempregados, solteiros, com “azar no amor”, etc. Nomes como N. Sra. Desatadora dos Nós, São Judas Tadeu, Santo Antônio, Santo Expedito, São Judas, Santa Edwiges, dentre outros, compõe essa demanda religiosa.

Esses “pequenos deuses” e suas “receitas mágicas” são materializados em rituais, objetos e outras práticas que vão de encontro às necessidades imediatas de nossos dias. Essas práticas têm dado o tom religioso atual. Uma busca desenfreada e doentia pelo sagrado que vai em todas as direções religiosas, batendo à porta de todas as instituições. É como se existisse uma multidão se-

denta do sagrado, batendo em qualquer porta que ofereça acesso a este mundo, ou então, a solução de problemas humanos.

O pós-moderno viu fracassar as propostas modernas para o Estado, a Sociedade e a qualidade de vida, onde instituições políticas, educacionais e jurídicas não conseguiram articular a sociedade para o bem. Assim sendo, em tempos de descrença no poder público, na justiça e outros, a busca de resolução dos problemas via transcendência se tornou “a esperança”. Como nos falam os devotos em buscas miraculosas para os problemas sociais, éticos e morais: “Só Deus e os santos para dar jeito!”.

Recordando a lógica do mercado, compreende-se facilmente porque este campo desponta no mundo globalizado como uma grande promessa de fecundidade econômica. Não é para menos que igrejas, canais de televisão e rádio com promessas de cura, libertação, exorcismo e bênçãos diversas surjam em toda esquina.

Enfim, para cada necessidade do fiel, há uma ação divina que pode ajudar. Assim se monta a grande e diversificada prateleira do mercado religioso, onde assistimos a uma profusão de fenômenos religiosos bastante contraditórios e até promíscuos em relação ao sagrado.

3. O processo e a linguagem da religião do marketing

O princípio básico da economia de mercado é a demanda: se há uma grande procura por um determinado produto o mesmo será supervalorizado. É o que está acontecendo com a religião. O mercado está produzindo o que o povo está desejando.

¹⁵ SUNG, Jung Mo. Desejo, Mercado e Religião. Petrópolis, Vozes, 1998², p.107.

E, às vezes, está até criando novas necessidades para o consumidor, como são as inúmeras "novidades" e roupagens dos produtos religiosos. Convencê-lo é uma questão de *marketing*. Os Meios de Comunicação de Massa são os principais veiculadores dessas necessidades no "mercado da fé". Aliás, a lógica do mercado econômico no geral virou, até na sua linguagem, uma espécie de religião. Vejamos alguns traços:

Na "religião mercado" o deus é o dinheiro. O templo, os grandes centros econômicos, tais como bolsas de valores, bancos, shoppings, grandes complexos econômicos, que têm até formato de templo, com grandes vitrais, portais, etc. Os verdadeiros sacerdotes do mercado, os economistas e consultores¹⁶. As graças dessa religião, a sua teologia, sempre vêm pelos sinais da prosperidade financeira, a moeda de troca (não é por menos que nas notas encontramos a bênção: "Deus seja louvado!").

O empresário *Norberto Odebrecht* em sua empresa diz: "Aqui o negócio é sacrifício"¹⁷. É assim que o trabalhador é obrigado a viver: sacrificando a sua saúde, família, lazer, projetos pessoais e outros. Estes sacrifícios vão sendo auto-justificados em si mesmos. Ele usa a lógica e esta vira a sua lei. Quem não a acolher está fora. Na linguagem da Psicanálise poderíamos dizer que o mercado tem traços profundos de perversão, pois se coloca acima da lei. Sente-se a própria lei. Por isso não existe certo ou errado: tudo é permitido.

O deus dinheiro, encarnado na religião mercado, gosta de sacrifícios humanos, exige seguimento e fidelidade, busca novos adeptos a todo momento. Ele tem até sentimentos: fica nervoso, agitado, tranquilo... está vivo. Não é assim que funciona uma Bolsa de Valores, onde todos se sentem a sua mercê?

As empresas transformaram-se na "encarnação da presença de Deus, na portadora da missão de Cristo, no mercado que é a historicização do Reino de Deus"¹⁸ no mundo. Esta lógica de mercado buscou em algumas idéias do cristianismo da colonização sua semelhança e legitimidade interpretativa. O capitalismo bebeu ao longo de sua história em fontes cristãs. Os dois foram contra o comunismo, como o pior inimigo do ser humano, o que os colocou mais próximos ainda. O cristianismo "dormia com o inimigo" e não sabia.

Destarte, sem ser uma oposição direta, o capitalismo continua avançando no domínio das religiões. No Ocidente, principalmente, as igrejas cristãs têm seu testemunho e sua missão enfraquecidos pela mistura com a "religião mercado". Essa tornou-se a principal patrocinadora da "ditadura do relativismo" contemporâneo.

4. O capitalismo como maior inimigo da fé cristã

Hoje, sem se colocar de forma discursiva contra a Igreja, o capitalismo é o pior inimigo da fé cristã e sua missão. Ela se com-

¹⁶ Para um maior aprofundamento deste paralelo leia "a idolatria do mercado sagrado" em: SUNG, Jung Mo. *A Idolatria do Capital e a Morte dos Pobres*. São Paulo, Paulinas, 1989², p. 118-123.

¹⁷ BRITO, E. J. da Costa; GORGULHO, G. da Silva (orgs.). *Religião Ano 2000*. São Paulo, Edições Loyola, 1998, p. 112.

¹⁸ SUNG, Jung Mo. *A Idolatria do Capital e a Morte dos Pobres*. São Paulo, Paulinas, 1989², p. 121.

prometeu com seus cantos e encantos. Não conseguiu ainda se encontrar sem estar fora dele. Nossas instituições, quando agem da mesma forma que a economia de mercado, vivendo de especulação, juros, capital de giro, reproduzem tal e qual a sua lógica, sendo coniventes e partícipes da exploração. Muitas ainda não conseguem viver de uma economia mais justa e solidária, que se comprometa com os valores da Vida Religiosa da origem, bem como os de nossa fé em Jesus Cristo.

Segundo *Novak*, a desigualdade social não é problema moral. Ele vê o capitalismo como compatível com o projeto do Reino de Deus "porque as desigualdades de riqueza e de poder estão em sintonia com as desigualdades que todo mundo testemunha todos os dias. A natureza fez os seres humanos iguais em dignidade perante Deus e entre si, mas não os fez iguais entre si em talento, energia pessoal, sorte, motivação e habilidades práticas. E o Deus da tradição judaico-cristã não tem compromisso com a igualdade de resultados. A competição, e a conseqüente desigualdade, é o jogo natural da pessoa livre"¹⁹. O pior é saber que muitos cristãos ainda se alimentam desta teologia da prosperidade.

Esta "religião mercado", na sua versão pós-modernizada, tem o poder de anexar todos os outros deuses à sua "profissão de fé", colocando-os dentro de um mesmo caminho: o do lucro. Sua identidade ultrapassa todas as trincheiras religiosas. O que as outras religiões têm que não lhe interessa será minado, enfraquecido, combatido como inimigo da fé.

É o que tem acontecido diante das inicia-

tivas sociais, comunitárias, solidárias, etc. na Igreja da América Latina. Cada vez mais os grupos das Igrejas Cristãs têm diminuído sua presença e ação no meio da sociedade atual. O que é pior é que muitas vezes eles são enfraquecidos, deslegitimados pela própria Igreja que os acolheu originalmente.

Que relação podemos ter entre a força da grande "religião mercado" com estas tendências internas das próprias Igrejas cristãs? Terá a "religião mercado" atingido o coração delas?

Enfim, seguimentos de muitas Igrejas cristãs têm usado justamente da lógica do mercado como forma mais apropriada de expandirem sua mensagem (o que tem levado a um sério risco da perda de identidade). Os serviços do mercado e sua lógica têm lhes sido emprestados. Basta vermos os canais de comunicação (TV, Rádio, Jornal), como são apelativos. A toda hora estão tentando "vender o seu peixe". Convencer o receptor da importância de sua mensagem e do valor de seu produto religioso. Para consolidar esta ideologia valem as promessas de felicidade, benefícios, ou seja, o prazer a todo custo. Assim, como o mercado se apropriou da linguagem religiosa, também esta se apropriou da linguagem dele para atrair os seus novos adeptos. Com isso o conteúdo da mensagem cristã, Jesus Cristo e sua Boa Notícia, correm sérios riscos.

A Modo de Conclusão: há uma esperança para o futuro da Igreja e da Vida Religiosa?

Ao caminharmos na tentativa de compreensão e diálogo com este tema, parece-

¹⁹ Ibidem, p. 121-122.

nos mais claro que quanto mais a Igreja e as religiões forem fazendo um caminho junto às ideologias de mercado na tentativa de crescimento, mais enfraquecidas irão se tornando em sua essência. Pois o preço de tal serviço tem sido a perda de identidade, de convicções de vida comunitária.

1. O papel das religiões na sociedade

As religiões têm um papel importante nos movimentos humanitários, sociais, políticos e econômicos. Contudo, para isso, elas têm que cuidar de sua identidade, ainda que diminuam o seu poder de projeção social. Diante da ingovernabilidade do mundo, "em virtude do predomínio do mercado, parâmetro universal das atividades coletivas da humanidade"²⁰, as religiões precisam buscar em suas fontes repostas de qualidade para ajudar a humanidade neste tempo de desumanização, onde a vida parece perder o seu valor absoluto por si mesma.

Quando a religião se torna "um com o mercado" acaba perdendo o seu papel de relação com a transcendência, ficando cada vez mais presa aos esquemas materialistas, antropocentristas, econômicos, enfim, perde a sua liberdade e a sua força redentora no meio em que está.

A "salvação do mundo", por meio da religião, deve se dar não por meio de novos adeptos que o mercado oferece, mas sim através da promoção de uma ética social "pós-capitalista"²¹, onde o amor, a paz e a justiça brilhem para todos os povos. Uma ética onde se resguarde a dignidade

de cada ser humano. Da mesma forma deve prevalecer o direito do outro frente ao império absoluto do "si mesmo" do mercado e da exclusão social.

O "Senso comum de nossa época é neoliberal. Nele o mercado é idolatrado e o Estado é demonizado"²². Quanto mais liberdade de ação, de competição e de expressão, melhor. Tudo o que tende a restringir, a limitar e a garantir os direitos do outro, neste senso comum, parecerá estar na contra-mão dos "desejos egóicos" do pós-moderno.

A "mão invisível" do mercado tem dado suporte para muitos seguimentos das instituições religiosas, principalmente no avanço pela conquista de novos seguidores e pela fortificação das suas próprias estruturas. A lógica da concorrência e da competição de mercado tem alimentado, de forma muito similar, a ação das instituições. De repente a lei da livre concorrência do mercado é a mesma.

2. O papel da Vida Religiosa frente aos desafios dessa religião de mercado

Comblin, em seu artigo *os interrogantes da Vida Religiosa* (Convergência), olhando para a este panorama das religiões, faz uma análise dizendo que "este espírito individualista e de competição entrou também na Igreja. Com a entrada do *marketing* católico, o individualismo e o consumo religioso já entraram na oficialidade. Cada um é estimulado a consumir o maior número de atos religiosos e o religioso é um consumidor de bens religiosos. (A pessoa) Vale pela quanti-

²⁰ HOUTART, François. Mercado e Religião, op., cit, p. 136

²¹ Cf. Ibidem, p. 137.

²² BRITO, E. J. da Costa; GORGULHO, G. da Silva (orgs.). Religião Ano 2000. São Paulo, Edições Loyola, 1998, p. 118.

dade de atos religiosos que realiza. O amor desapareceu das perspectivas... O comércio religioso multiplica os atrativos para que o consumidor esteja feliz consumindo os seus bens religiosos"²³.

É muito interessante perceber que nesta via a concepção de prazer se tornou sinônimo de felicidade. O que não é verdade, pois uma pessoa pode ter um enorme prazer fazendo algo, mas não estar feliz. Talvez um dos motivos de tantas doenças de ordem psíquica seja a busca desenfreada do prazer, pensando encontrar a felicidade. Quanto mais buscam o prazer, nessa cultura do hedonismo, mais distantes se encontram da verdadeira felicidade.

Para muitos discípulos e discípulas; fundadores e fundadoras de congregações, a "irmã felicidade" se encontrava na contramão da sociedade. Felizes sem nada ter, felizes estando com quem nada pode dar, felizes mesmo na dor, morrendo... Que mistério estará escondido, como um tesouro, em lugares onde ninguém quer ir, viver, estar?

De lá ecoa um canto novo de alegria, que continua sendo ouvido, cantado por poucos em nossos dias, mas, como uma "mecha fumegante"²⁴, continua latente. Esta é a verdadeira alegria daqueles que encontraram a verdadeira felicidade quando se colocaram na contramão da sociedade – "com Jesus na contramão", nos lembra Carlos Mesters.

Nós, cristãos, devemos voltar a acreditar na força da Igreja que tem na sua origem uma contribuição a dar para esta sociedade.

Contribuição esta que é a *afirmação da dignidade humana* seja qual for a condição em que estiver, ou ainda, da *opção pelos empobrecidos*. A sentença maior do cristianismo continua sendo a do *amor comprometido* com o outro, com a causa do Reino. Em nosso tempo o amor tem rosto, nome, lugar onde vive, situação em que vive. O próximo, ainda que eu não o conheça pessoalmente, é meu irmão. A dor, mesmo a daqueles que estão do outro lado do hemisfério, tem a ver comigo como cristão.

Devemos, perante o sistema neo-liberal, que sacraliza o mercado, professar a nossa fé na *sacralização do outro* em seu estado de indigência; estar atentos à valorização da vida, em contraposição ao dinheiro.

Se o mercado constrói novos bezerros de ouro para os seus seguidores, devemos, nós cristãos, continuar professando nossa fé no Cristo "coluna luminosa", que é mais forte do que os ídolos, fazendo, sempre que necessário, uma "nova aliança", selada pela força da vida que vence a morte, que se alimenta do amor, da compaixão e da misericórdia dos filhos de Deus.

Como nos diz *Jung Mo Sung*: "Afirmar a existência dos excluídos, a dignidade fundamental de todos eles e ouvir o seu clamor e testemunhar – com a presença visível da Igreja no meio dos pobres e lutas concretas em favor deles – que Deus está no seu meio é a melhor forma de negar a absolutização do mercado, de desvelar concreta e praticamente os seus limites. Negar a idolatria do mercado e mostrar os seus

²³ COMBLIN, José. Os interrogantes da Vida Religiosa. Revista CONVERGÊNCIA, n. 370, março 2004, p. 93.

²⁴ Is 42,3

²⁵ SUNG, op. cit., p. 133.

limites não significa, contudo, negar o mercado de uma forma absoluta. Isso seria idolatria ao revés. O que precisamos é a adequação do mercado ao objetivo de vida digna e prazerosa para todos os seres humanos²⁵. Isto é, criar uma economia justa e solidária, capaz de ter como centro o ser humano e a sua dignidade e não o mercado e o seu espírito sacrificial humano.

Portanto, um longo caminho está sendo feito. Muitas tentativas de animação da Vida Religiosa estão sendo feitas na esperança de mantermos viva a "Memória de Jesus Cristo". Embora estejamos vivendo um tempo de previsões negativas, dentro e fora da Igreja, não podemos negar a força da vida de religiosos e religiosas que continuam se colocando a caminho: "com

Jesus na contramão". Se a fé do cristão é a da vida, não podemos acreditar que a palavra última será a das trevas da morte. Por isso renovamos a nossa fé com o Profeta, professando que há uma esperança, ainda que seja a de *uma mecha fumegante*, para o nosso futuro, para a revitalização da Vida Religiosa e da Igreja.

Tenhamos olhos para ver, ouvidos para ouvir e coração para sentir os apelos do Espírito de Deus que nos faz recordar os eventos da vida do Mestre. Vida que descobre sentido e felicidade onde muitos só enxergam vazio e morte.

O autor é religioso sacramentino. Membro do Centro Eucarístico Sacramentino (CESC); Formador e estudante de Psicologia.

E-mail: marcellossbrasil@yahoo.com.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Como a sua Congregação tem tratado esse tema (religião e mercado) na formação?
- 2- Como podemos utilizar os benesses dos Meios de Comunicação Social sem, contudo, nos tornarmos vítimas deles?
- 3- Levando em conta o discurso moderno das metanarrativas, superado pelas pequenas narrativas da Pós-modernidade, em que grupo minha Congregação se encontra: insistindo nos megaprojetos ou nas pequenas narrativas?
- 4- Que Vida Religiosa estamos buscando: a da felicidade evangélica, ou a do prazer de nossos dias?

“Nós, cristãos, devemos voltar a acreditar na força da Igreja que tem na sua origem uma contribuição a dar para esta sociedade.”

- CRB -

- BIBLIOTECA -

R. Alcindo Guanabara, 24/4º - Cinelândia
Cep 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

01 FEV 2006

